COLLECÇÃO LITTERARIA PORTUGUEZA

FERNANDO CALDEIRA

A MADRUGADA

COMEDIA EM QUATRO ACTOS

ILLUSTRADA

LISBOA
M. GOMES, EDITOR
LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS
RUA GARRETT (CHIADO), 70-72

M DCCC XCIV

COLLECÇÃO LITTERARIA PORTUGUEZA

II

A MADRUGADA

Comedia em quatro actos

D'ESTA EDIÇÃO TIRARAM-SE

10 exemplares em papel do *Japão*
numerados de 1 a 10

FERNANDO CALDEIRA

A MADRUGADA

COMEDIA EM QUATRO ACTOS

(ORIGINAL EM VERSO)

Representada pela primeira vez
no theatro de D. Maria II em 26 de Abril de 1892

LISBOA
M. GOMES, Editor
LIVREIRO DE SUAS MAGESTADES E ALTEZAS
Rua Garrett (Chiado), 70-72

M DCCC XCIV

PERSONAGENS

CONDE DE ALTA VILLA	João Rosa.
MONSENHOR	Eduardo Brazão.
D. CARLOS	Augusto Rosa.
JORGE	Maia.
ANGELO	Ferreira da Silva.
BARÃO DA CELLA	Antunes.
FAGULHA	Alves.
TABELLIÃO	Joaquim Ferreira.
UM MINEIRO	Silva.
LOBO AGIOTA	Bayard.
UM CREADO	Massas.
BERTHA	Rosa Damasceno.
MARIETTA	Carolina Falco.
BARONEZA DO PHAROL	Emilia dos Anjos.
THEREZA	Iva Ruth.
LUCILLA	Lucinda do Carmo.
MARIA, creada	Emilia Candida.
MARIA JOSÉ, camponeza	Amelia.
ANTONIA	Christina.
PAULINA	Alidá.

Jornaleiros, mineiros, raparigas jornaleiras.
Senhoras e homens em toilette de baile.

Actualidade.

ACTO PRIMEIRO

A SCENA

Jardim, arvores, plantas em grupos, etc. Mesa, bancos e cadeiras de jardim. Á esquerda e fundo arvoredo. Á direita a fachada de uma casa fidalga de provincia com porta ou portas e janellas para a scena. Direita alta, praticavel amplamente.

SCENA PRIMEIRA

CONDE *dormindo e* MARIA

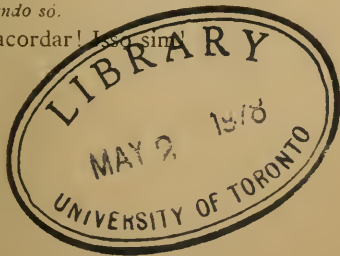
MARIA, *entrando de casa com o serviço de café*

Valha-me Deus!

Chamando.

Senhor Conde?...

Falando só.

Qual acordar! Isso sim!

Faz-lhe mal dormir assim
sobre o jantar! E então onde!
Ao ar livre!... no jardim!...
Vamos a ver...

Tosse, e faz bulha com as chavenas

Meu senhor?
O café...

Falando só.

Qual! não ha meio.
É verdade, só se for
a menina... Mas não veio...
Pois vou dizer-lh'o é o melhor.
O bonito é que depois
teima então que não dormia,
que ouviu tudo...

SCENA II

Os mesmos e MONSENHOR

MONSENHOR

Adeus, Maria.

MARIA, *aparte*

Bravo. Cá temos os dois.

Alto.

Ora ainda bem que chega.
Olhe, senhor Dom Rodrigo.

Mostra o Conde.

MONSENHOR

Bonito! dorme!

MARIA

A socega
do seu costume.

MONSENHOR

Um perigo!!
Sobre o jantar!! Depois nega
que dormiu...

MARIA

Foi só o instante
de eu ir buscar o café!

MONSENHOR

Qu'imprudencia!

MARIA

Então, não é!

MONSENHOR

Mas vejam de ora em diante
se o fazem ficar de pé
logo que janta. É sabido
que sentando-se adormece.
Depois fica aborrecido...
De mais a mais quem padece
depois de assim ter dormido
sou eu.

MARIA

Ai! Tudo amisade
Aquillo é o genio, ora essa!
Inda agora: «E esse abbade?...
não tem hoje muita pressa
do café!...»

Ri.

MONSENHOR, *lisonjeado*

Disse?

MARIA

É verdade!
E ao jantar então não cessa
de falar em vosselencia!

Eu ás vezes até digo
que elle e o senhor Dom Rodrigo
vivem a mesma existencia!

MONSENHOR

É coitado! é meu amigo!
Vae, vae, que eu fico de guarda.
Eu chamo-te em acordando
o senhor Conde. Olha, e quando
me parecer que elle tarda
a acordar, grito...

MARIA

Chamando?

MONSENHOR

Sim. Já sabes o costume.
São tres minutos ou dois
que vou dar-lhe, mas depois...

MARIA

Vou pôr o café ao lume.

Sáe para casa.

MONSENHOR

Isso vae, vae.

SCENA III

Os mesmos, *menos* MARIA

MONSENHOR

Ora pois,
por mais que eu diga a esta creatura
ao que se expõe, dormindo no jardim
depois de ter jantado.

Senta-se ao pé n'outro fauteuil á direita.

Um pouco dura
esta cadeira.

Ageita-se.

É commoda inda assim.
Vou dar-lhe tres minutos. Pois senhores,
é commoda a cadeira!

Tira o relogio.

Um já lá vae.
Qu'imprudencia! Ao ar livre! Sempre cáe
humidade entre as arvores e as flores!
Isto faz muito mal!

Vê o relogio.

Bom; um e meio.
Excellente cadeira! É mesmo...

Adormece, ficando com o relogio na mão.

SCENA IV

Os mesmos *e* CARLOS

CARLOS

Emfim
Cá estão os dois, melhor. O que eu receio
é que esta vez concordem... Isso sim!
Se este approva, estou salvo, oppõe-se aquelle.

Queridos tios! Santos, qual mais santo!
Mas d'onde vem o sestro que m'impelle

a desgostal-os, eu que os amo tanto?!
Que eu, afinal, é certo, estou por tudo...
mas assim... de repente! o casamento
é uma cousa difficil, quer estudo,
estudo grave... e vocação, talento...
E eu não tenho o talento de marido.
Palavra de honra eu chego a ter inveja
ao ver o ar altivo e destemido
de um noivo entrando o portico da igreja!
Que valentia de homens! é verdade!...
Sem pensarem sequer, que na saída
já trazem pelo braço a tal metade
amarradinha ali por toda a vida!
É extraordinario! E ha gente que celébre
bôdas de prata e de oiro! É extraordinario!
Causa-me até vertigem, faz-me febre!
Se fôra celebral-as ao contrario...
Cincoenta annos ou mesmo vinte e cinco
antes do casamento... oh! essas... essas!...
Mesmo bôdas de cobre!... e até de zinco,
podendo festejal-as ás avessas
como eu as festejára! oh! que alegrias!
Se o consigo, está dito; grande gala,
dou um baile a mim mesmo um d'estes dias

e illumino-me a fogos de Bengala...
E valso, e canto e danço...
Dança ao mesmo tempo.

CONDE, *voltando-se sem ver* MONSENHOR

Hein? O que é isto?
tu andas a valsar?!

CARLOS, *áparte*

Fil-a bonita!
Alto.
Peço perdão... Eu nem os tinha visto
Fingindo uma dor n'uma perna.
Cá está ella outra vez, esta maldita!

CONDE

Mas o que é?

CARLOS

Passou... Tio, boa tarde.
Beija-lhe a mão.
Ás vezes uma caimbra aqui...

CONDE

Tens breca!
Volta-se e vê o Monsenhor no momento de acordar — Aparte.
Olá!

Alto, zombando.

Bons dias.

CARLOS, *beijando a mão de* MONSENHOR

Tio...

MONSENHOR

Deus te guarde.

CONDE

Hein?! com que então dormiu-se uma soneca?!
Mas isso faz-te mal, homem; cuidado,
perde esse mau costume, padre.

MONSENHOR

E esta!

CONDE

Se não pódes passar sem a tal sesta
dorme antes do jantar.

MONSENHOR

Estou espantado!

CONDE

Pois isso chega a ser temeridade!
É, mais do que imprudencia, um risco enorme.

MONSENHOR

Oh! homem!

CONDE

Meu amigo, n'essa idade
é comer e andar logo, não se dorme.

MONSENHOR

Esta é melhor! Bem prega frei Thomás...
Tu dormias ahi profundamente
quando entrei.

CONDE

Eu! dormir!

MONSENHOR

Tu és capaz
de fazer com que um santo s'impaciente!
Que?! Pois tu não dormias?!

CONDE

Qual, dormia!
E a prova é que ouvi tudo. Ouvi-te entrar.

MONSENHOR

E ouviste-me falar com a Maria?

CONDE

Homem, tudo. E tomaste esse logar...

MONSENHOR

E levar o café tambem a ouviste?

CONDE

Sim, para não esfriar.

MONSENHOR, *admirado*

Exacto!

CONDE

E então
tiraste o teu relogio...

MONSENHOR, *admirado*

Tambem viste!

CARLOS, *áparte*

Coitado! Se elle o tem inda na mão!

CONDE

Já vês que te illudi perfeitamente
simulando dormir.

Levanta-se.

MONSENHOR

Pois é verdade
pensei que tu dormias!
Levanta-se.

CARLOS, *áparte*

Sempre ha gente
muito boa no mundo! Faz vontade
de o adorar.

CONDE

O meu fim era apanhar-te
em flagrante soneca e consegui.
E agora vae dizer por toda a parte
quem é que dorme, vae.

MONSENHOR

E eu que dormi?
mal passei pelo somno.

CONDE

Mas depois
passou elle por ti, e um quarto de hora,
um quarto de hora bom, foram os dois
passando um pelo outro e até agora.
Ri.
Olha que é boa!

CARLOS

É boa; que lembrança!

En-traversez.

Ri.

CONDE

Tal, qual. Vem do jantar,

Rindo.

repotreia-se ali, convida o par,
afina o instrumental, e toca e dança!

MONSENHOR

Tem muita graça.

Cheira uma pitada.

CONDE

Vês? lá foi á serra!

Ri.

Vinga-se então na caixa do rapé!
Isso! Funga! Depois — tremor de terra
a cada espirro.

CARLOS

Oh! tio, por quem é,
seja mais generoso.

Abraçando o Monsenhor.

O tiosinho
afflige-se com isso.

MONSENHOR

Generoso?!

CONDE

Não fales n'isso ou toma-me por vinho!

MONSENHOR

Nem café me deu hoje!

SCENA V

Os MESMOS *e* MARIA, *trazendo o café*

CONDE

Oh! sô guloso!
vamos lá que está com sorte!

MARIA

Ora aqui vem muito quente

MONSENHOR

Vem? Até que finalmente.
E forte, Maria, forte?

CONDE

Então já está mais contente?

MARIA

Forte? Não que eu não lhe falto
com o Moka.

MONSENHOR

Isso, isso é que é.

Vão tomar cada um a sua chicara, quando Bertha apparece.

CARLOS, *áparte*

Bom; agora é que eu lhes salto.

SCENA VI

Os mesmos *e* BERTHA

BERTHA

Eh! Alto ahi. Façam alto.
Maria, leva o café.
Vae pôl-o, como te disse
na mesa ali do salão.
Depressa...

Maria sáe para casa.

CONDE

Temos tolice

BERTHA

Não senhor; temos razão.

CONDE

Bem. Basta de creancice.

BERTHA

Eu já respondo. Primeiro,
um beijo aqui n'este santo
que eu venero...

MONSENHOR, *beijando-a*

Meu encanto!

CONDE *para* MONSENHOR

Não se me faça bregeiro.

CARLOS

Bom. Eu fico no tinteiro.

BERTHA, *indo tambem beijal-o*

De ti não digo outro tanto
mas tambem sou tua amiga.

CARLOS

E eu tambem do coração.

CONDE

Mas, olha lá, rapariga,
Amigos, amigos...

BERTHA

Diga.

CONDE

Mas beijos á parte.

BERTHA

E então?!
Não está elle com receio
de que eu lhe gaste dos seus!
Descança, valha-te Deus,
cada vez tenho mais cheio
o coração dos só teus.
Mas és tu, ao que parece
que estás farto d'elles.

CONDE

Eu?!

BERTHA

Mas o café arrefece
Vamos andando. Elle vê-se;

Da-lhes as mãos, indo os tres lentamente para casa.

inda hontem succedeu
não consentir que o beijasse
e nem um beijo lhe dei!

CONDE

Se eu não podia.

BERTHA

Bem sei.
A nevralgia na face?
Ralhando.
Ora ahi está porque eu mandei
pôr o café no salão.
Não vês que ha sempre a humidade
da maresia...

MONSENHOR

É verdade.

CONDE

E o mais é que tem razão.

BERTHA

E depois então não ha-de
vir uma dor de cabeça
ou na face!

Em tom maternal.

Não descanças
emquanto algum não me adoeça...
Vamos meninos, depressa.
Pobre de quem tem creanças!

CONDE

Não ralhe mais, avosinha.
Não fui eu. Elle é que veio
desinquietar-me.

BERTHA, *a* MONSENHOR

Ah! sô feio!...
que se eu soubesse que vinha
desinquietar-me este...

Sáem para a casa.

SCENA VII

CARLOS, *e pouco depois* BERTHA

CARLOS, *depois de rir, começa a pensar*

Um meio!
E não me tinha lembrado!

Sim! Bertha, está claro, Bertha.
Não ha melhor advogado.
É a victoria mais que certa
É o casamento adiado.

Entre Bertha de costas.

Ella!

BERTHA, *fallando para bastidores*

Estejam com juizo
Sabem que eu cumpro o que digo.
Se bulham, contem commigo,
ouviram? Já os aviso,
ponho-os ambos de castigo!

CARLOS

Vem cá Bertha.

BERTHA

Estes pequenos,
credo, são os meus peccados!

CARLOS, *puxando-a*

Pois sim, sim.

BERTHA

Lá estão, coitados!

CARLOS

Mas dá-me um minuto ao menos
emquanto estão socegados.
Tenho a pedir-te, Bertha, um grande beneficio...

BERTHA

Tem graça! eu tambem tenho a fazer-te um pedido.

CARLOS

Pede o que te aprouver, inventa um sacrificio,
e tudo te farei.

BERTHA

Tudo? Está promettido;
pódes tambem contar...

CARLOS

Seja o que for que peça?...

BERTHA, *estendendo-lhe a mão*

A mão — eis a escriptura...

CARLOS

Assim.

Beijando-lhe a mão.

Faltava o sêllo.

E agora...

BERTHA

Não, senhor. Eu, eu...

CARLOS

Então depressa.
Qual era o teu pedido?

BERTHA

Escuta, vaes sabel-o.
Sei que te custa muito, eu sei, mas tem paciencia;
tu sabes que eu adoro a minha irmã

CARLOS

Thereza!
Pois é d'ella tambem...

BERTHA

Ouve; sob a apparencia
tranquilla do seu ar existe uma tristeza,
occulta-se uma dor, Carlos, que eu não comprehendo!

CARLOS

Póde lá ser?! Thereza! alegre como a aurora!...

BERTHA

Era assim d'antes, era! alegre! mas agora...
Apenas se vê só... Bem vês, eu vou crescéndo
mas ninguem pensa em tal, cuidam que eu não desejo

senão cantar, brincar... Uma creança emfim
em quem ninguem repara, e em parte,... em parte é assim.
Eu sou creança e canto e brinco... sim, mas vejo.

CARLOS

Um anjo é o que tu és! E então que tens tu visto?
desde quando notaste em tua irmã Thereza
esse occulto pezar? .

BERTHA

O que eu sei com certeza
é que não lhe és estranho...

CARLOS

Eu?!

BERTHA

Tu, sim tu; por isto...

Sobe a ver se vem alguem, e volta.

CARLOS, *áparte*

Sou um homem ao mar. Thereza apaixonada
por mim sem eu saber! Agora é que eu estou prompto!
Um idyllio de amor! Não faltava mais nada...
Sou um homem casado... É horrivel!

BERTHA

Eu te conto..

CARLOS

Vê se te lembras, sim? Lembra-te desde quando
notaste em tua irmã...

BERTHA

Lembro-me; agora lembro,
Tanto fiz, tanto fiz, que emfim me foi lembrando!
Foi na inauguração das obras, em setembro,
quando fomos jantar á mata...

CARLOS

Sim, bem sei.

BERTHA

Voltámos. N'essa noite, achei-a preoccupada...
e esteve toda a noite até á madrugada
á janella; mais tarde é que eu me recordei,
a ver a lua, disse! Ah! sim, mas eu senti-a,
sabes o que? Chorar — Cuidei que era illusão,
por ter dormido já; mas não, não me illudia.
A angustia, que ella soffre, existe desde então.
Data d'ahi tambem a grande intimidade
com tua irmã...

CARLOS

É certo!

BERTHA, *ironica*

A sua grande amiga...
que sempre me saíu... dás licença que eu diga?
Saíu-se-me uma peça... Oh! perdôa...

CARLOS

À vontade!
Eu conheço-a demais. O que inda me consola
é ser só meio irmão d'aquella rica prenda.
Aquella sáe ao pae e o pae vendia sola,
mas em compensação a filha não tem venda.
Pois ella é que anda sempre e sempre, noite e dia
a instigar minha mãe a fim de que ella apresse
o casamento.

BERTHA

Sim?! mas dize e que interesse
tem ella n'isso?

CARLOS

Eu sei!

BERTHA

Ah! bem me parecia...

CARLOS

Mas dize, dize lá...

BERTHA

Pois bem, eu tenho visto,
quando as duas estão a conversarem sós,
que se alguem se approxima, abaixam logo a voz!...
Porque é tanto mysterio? E então, repara n'isto,
precisamente em dia assim de confidencias,
é quando minha irmã mais chora e chora e chora!
Inda agora ao jantar, se a visses ind'agora...
As lagrimas

Aponta os olhos.

aqui, mas como é d'aço vence-as—
E não sabes porque?

CARLOS

Sim, não se viram hoje...

BERTHA

Escreveu tua irmã e eu vi a carta e li-a.
Dizia assim: «Meu anjo. Aos anjos nunca foge
a ventura dos céus; hoje é que o grande dia
ha de emfim ser fixado...» É o vosso casamento.

CARLOS, *a pensar n'outra cousa*

Sim ellas vem ahi e eu vim um pouco adiante,
Arauto... Mas espera, ouvi-te, ha um momento,

que tua irmã chorou porque antes um instante
leu a carta...

BERTHA

Foi sim; Carlos, Carlos perdôa.
Thereza quer-te muito e tu, tão nosso amigo,
tu perdoas-lhe, sim? Tão boa, ella é tão boa!
Não me recuses, não? Posso contar comtigo?

CARLOS

Mas não entendo nada...

BERTHA

Oppõe-te ao casamento
É uma questão de tempo; um anno, um anno ou dois,
que passam a correr, que passam n'um momento
mas em que ella não soffre; e casareis depois...
Carlos na expressão de espanto, exagerando cáe sobre uma cadeira.
Jesus! meu Deus! Que tens?

CARLOS

Bertha? a tua mão, Bertha!...

BERTHA

Meu Deus!

CARLOS, *pondo a mão d'ella sobre o coração*

Aqui... vê bem... bate ainda?

BERTHA, *espantada*

Sim, bate!

CARLOS

Achas que eu não morri?

BERTHA

Estás doido?

CARLOS

Estás bem certa?

Levanta-se.

Então é que não ha ventura, não, que mate.

BERTHA

Carlos, enlouqueceste?

CARLOS

Oh! sim, louco, estou louco,
mas de alegria, Bertha; ouviste? de alegria!
É sol posto, não é? para mim rompe o dia.
Cantae ó rouxinoes... Eu não... porque estou rouco.
Tu que tens da sereia o timbre peregrino

e lês no coração melhor que os rouxinoes,
ensina-lhes baixinho, a meia voz, este hymno

Aponta o coração.

que agora aqui escreveste em cinco ou seis bemoes...

BERTHA

O que queres dizer?

CARLOS

Pois tu não adivinhas,
minha querida Bertha? Esse era o meu pedido!
Vinha pedir-te a ti, que nos salvasses...

BERTHA

Vinhas?
Pedir-me o mesmo? Então está tudo decidido.
Ainda bem! Pois sim, mas sabes que Thereza
nunca me disse nada. Eu fui que adivinhei.

CARLOS

Se te illudiste, Bertha?

BERTHA

Oh! não, dou-te a certeza.
Mas é difficil, vês? dizer-lhe assim que sei...

Acabou-se, ha de ser. Comtanto que eu consiga
um certo adiamento, um anno, ou dois...

CARLOS

Ou tres!

BERTHA

Mas tu não me dirás...

CARLOS

O que ha que te eu não diga,
que te não faça, Bertha?

BERTHA

Escuta. Eu de uma vez
ouvi-as conversando e minha irmã dizia,
que te não tinha amor, nem tu tambem por ella!
debruçaram-se mais um pouco na janella
e nada mais ouvi. Porque é que ella mentia?
Ella, que nunca mente?!

CARLOS

Ouviste?! Oh! fala, fala...
Dize... Agora é que eu vou amar a tua irmã
apaixonadamente! Oh! sim, vou adoral-a!

BERTHA

Pois não a adoras já?!

CARLOS

Não; começo ámanhã.

BERTHA

Não gracejes e dize; então sempre é verdade?
não lhe tens muito amor, muita affeição?

CARLOS

Immensa!
E póde haver amor onde ha tanta amisade?

BERTHA

Carlos, ensina-me isso. Então ha differença?

CARLOS, *embaraçado*

Quero dizer...

BERTHA

Dize, dize...

CARLOS

Amisade e amor... são... dois
sentimentos

Áparte.

Por quem sois,
valei-me, Deus, n'esta crise.—

BERTHA

Dois sentimentos... Depois?

CARLOS

A amisade é uma pombita
muito mansa...

BERTHA

E de que côr?

CARLOS

Branca de neve! e bonita,
muito bonita...

BERTHA

E o amor?

CARLOS

O amor?

Áparte.

Estou apanhado.—

Alto.

Não sei bem.

BERTHA

Dize um retrato.

CARLOS

Do amor?

BERTHA, *muito avida*

Sim.

CARLOS

O amor... é um gato!

BERTHA

Um gato!

CARLOS

É um gato assanhado...

BERTHA, *despeitada*

Não póde ser, é impossivel.
Um gato!... a pomba!...
Zangada.
Imaginas
que m'illudes? Ou me ensinas,
ou caso-te; escolhe.

CARLOS, *áparte*

É horrivel!
Que professor de meninas!

BERTHA

Vamos lá, dize — A amisade...

CARLOS

A amisade...

BERTHA

Dize.

CARLOS

É um laço
de setim...

BERTHA

Branco.

CARLOS

É verdade.
Setim na ductilidade,
mas na solidez é de aço.

BERTHA

E o amor?

CARLOS

Bem; faze-me a escolha
de uma flor n'esse massiço.

BERTHA, *indo colher uma rosa*

Prompto. E que aroma! e que viço!

CARLOS

Cheiraste? Agora desfolha.

BERTHA, *desfolha e pica-se nos dedos*

Ui! doe muito.

Põe o dedo na bóca.

CARLOS

O amor é isso.

SCENA VIII

Os MESMOS *e* BARÃO

CARLOS

Oh! meu caro barão.

BERTHA, *absorta com o dedo na bóca*

Fiquei sem saber nada.

BARÃO

Dom Carlos, meu amigo.

Apertam as mãos.

BERTHA, *sempre absorta*

O amor, fere!... magôa!

BARÃO

Então, vae tudo bem!... Toda a familia boa?
E a linda Bertha?

Muito emphatico.

Aberta a flor da madrugada,
a estrella da manhã!...

CARLOS

E ella, nem agradece!

Ri.

Bertha?

BERTHA, *saudando muito aborrecida*

Peço perdão.

BARÃO

De que? De ser tão bella?

BERTHA

Obrigada... É verdade, o titulo de Céla
escreve-se com *C* ou escreve-se com *S*...

BARÃO

Escreve-se com *C* e até lhe puz cedilha
para evitar o engano; e com razão, já vê.

BERTHA

Como é *sport-man* brilhante e aquelle que mais brilha
em cavallos e trens, cuidei... mas é com *C.*

CARLOS

É verdade, não ha quem possa supplantal-o.

BARÃO

Que quer? É uma paixão que eu tenho de creança...
É mesmo tradição da minha raça, herança...
Um avô meu...

BERTHA

Já sei; fez consul um cavallo.

BARÃO

Exacto; mas fez mais! dava-lhe á sua mesa
o logar de honra!

BERTHA

Sim, queria-o sempre... á mão
para n'um caso urgente...

BARÃO

Exacto! Que viveza!

SCENA IX

Os MESMOS *e* CONDE *e* MONSENHOR
atravessando ao fundo

BERTHA

Então papá, que é isso? Ó tio, onde é que vão?

CONDE

Olha. É o barão da Céla!

BARÃO, *sobe ao encontro d'elles*

Oh! senhor conde!

Saudam-se.

CONDE

Oh! Bertha,
mas pelo amor de Deus...

BERTHA

Qual! Não percebe nada!
É um toleirão.

Arremedando.

Aberta a flor da madrugada!
Parece-me um peru de cauda e aza aberta.

BARÃO

É verdade; fui ver e vim maravilhado!
É grandioso, é soberbo! Assim não falhe o plano.
E então que rapidez!

CONDE

Inda não fez um anno!
Trabalhou-se a valer!

MONSENHOR

E é certo o resultado.
Que poder de talento! E então que actividade!

BARÃO

Quem? O engenheiro Jorge?

BERTHA, *a* CARLOS

Aposto como nega.

O Conde tem subido lentamente e sáe.

SCENA X

Os mesmos, *menos o* CONDE

MONSENHOR, *continuando*

Elle é o tunel, é o lago, é o rio! Não socega!

BARÃO

É pena ser francez, e ter tão pouca idade!
Com vinte annos...

BERTHA, *a* CARLOS

Então? Carlos, o que é que eu disse?

MONSENHOR

Mas fala o portuguez correctamente.

BARÃO

Eu sei
que elle e o pequeno irmão na sua creancice
tiveram por mentor um portuguez...

MONSENHOR

De lei!
Um bravo e bom amigo e velho camarada
do pae a quem salvou da morte muitas vezes
nos sertões e depois na doença prolongada.
Um de quatro annos, outro apenas d'alguns mezes,
levou-lhes Deus o pae. E ha corações tão nobres
e de tanta virtude, e tanta caridade,
que nunca os regelou a neve da orfandade,
e nada lhes faltou, sendo comtudo pobres,
porque lhes foram mãe e pae... Que santa gente!

BERTHA

A boa mãe Marietta...

CARLOS

E o servidor antigo,
que annos depois morria.

BARÃO

É muito commovente,
Dom Carlos, isso tudo, é sim; mas o que eu digo
é que o tal *monsieur* Jorge é inda muito moço.
Póde ser muito experto e muito bom sujeito...

CARLOS

Tem razão. Sem chinó, sem caixa e meio grosso
não póde haver talento.

BERTHA

É certo, é sim, defeito;
mas vossencia não sabe? Elle inventou um meio,
um secreto elixir e póde crer, corrige o.

BARÃO, *sem perceber*

Um elixir! E qual?

BERTHA

Quem sabe? Algum prodigio!
Mas faz um anno já que *monsieur* Jorge veio,
e nem um dia só deixou de estar mais velho
que na vespera! Aquillo até faz mal; não faz?!
Nem de noite a dormir o pobre do rapaz
deixa de envelhecer! Que horror! Não lh'o aconselho.

Ri, toma o braço de Carlos, e sáem para a casa.

MONSENHOR

Barão, desculpe-a, sim! Creança eternamente.

BARÃO

Desculpal-a?! Se eu gosto até de a ver zangada
com prazer de a ouvir! É muito intelligente
esta menina... muito,

Aparte.

e muito mal creada!

MONSENHOR

Os encantos do pae, e os meus!...

BARÃO

De toda a gente.

MONSENHOR, *vendo a Baroneza*

Minha cunhada!

SCENA XI

Os MESMOS, BARONEZA *e* LUCILLA

BARONEZA, *muito solemne, saudando*

Mano e monsenhor.

MONSENHOR

Estimo
vêl-a tão bem disposta.

Para Lucilla.

Adeus, cara Lucilla.

LUCILLA, *beijando-lhe a mão*

Monsenhor.

BARONEZA, *fingindo não ver o* BARÃO

Mas perdão, não vejo o nosso primo
marquez de Castro Forte e conde de Alta Villa,
alcaide mór de Aguim, senhor...

MONSENHOR, *mostrando-lhe o Barão*

Ó baroneza?
este senhor...

BARÃO

Fidalga!... Eu ouso interrompel-a
para beijar-lhe a mão...

BARONEZA, *saudando*

Senhor barão da Céla.

MONSENHOR

Póde ir Lucilla, vá.

LUCILLA

Pois sim, vou ver Thereza.

Sáe para casa.

SCENA XII

MONSENHOR, BARONEZA *e* BARÃO

BARÃO, *concluindo a fala ultima*

E depôr a seus pés as minhas homenagens.

BARONEZA

Eu fiz annunciar ao conde esta visita
e em vão procuro...

Olhando em volta.

MONSENHOR

A quem?

BARÃO

Provavelmente os pagens.

BARONEZA

Carlos deve ter vindo...

BARÃO, *rapido*

Ella é muito exquisita!
mas tem muito dinheiro; o que m'importa o resto?

MONSENHOR

Eu vou chamal-o já. Permitte, baroneza?
Sae para casa.

SCENA XIII

BARONEZA *e* BARÃO

BARONEZA

Acceito, monsenhor, acceito-lhe a fineza...
Monologo.
Careço de saber primeiro... Eu não me presto
a ser tratada assim. Um tal acolhimento
em dia tão solemne!... Ah! senhor conde, eu sei
que me fez sua igual meu nobre casamento
com seu primo e cunhado e nunca o esquecerei.
Já não sou a viuva ingenua e até creança

do barão do Pharol, mas sim do cavalleiro
Dom Nuno e hei de guardar immaculada a herança
do meu segundo esposo...

Senta-se á esquerda da mesa.

BARÃO, *que desce*
a tempo de ouvir os tres ultimos versos—Aparte

Eu guardo a do primeiro.

Alto.

Perdão, minha fidalga. Eu creio que a visita
de vossencia não estava hoje, com certeza
não estava annunciada.

BARONEZA

Ah! sim?

BARÃO

Pois acredita
que o conde assim olvide as praxes da nobreza?

BARONEZA

E onde estarão?

BARÃO

Talvez que fossem de passeio
ver as obras...

BARONEZA

Ah! sim?! As obras? Que cegueira!
Senhor barão, não é loucura verdadeira
aventurar assim dinheiro...

BARÃO

Tambem creio.

BARONEZA

O conde nada arrisca; estavam na pobreza
e tem tudo a ganhar. De facto, se meu primo
conseguisse levar a tal ribeira ao cimo
d'aquelle extenso valle, então era a riqueza,
uma fortuna enorme...

BARÃO

Aparte. Oh! sim maior que a minha
negativa!

BARONEZA

Mas qual! Eu sei que o engenheiro
é muito intelligente e foi sempre o primeiro
na escola de París. Meu filho, que lhe tinha
grande affeição de lá da mesma escola,
tanto commigo instou, que um dia o mandei vir
e de facto o rapaz pagou-me bem a esmola.

BARÃO

Mas elle não deixou as obras por concluir
na quinta do Pharol?

BARONEZA

Mas tudo já traçado,
e na verdade bem. A fabrica n'este anno
vae produzir-me o triplo ou mais, que no passado
Elle saíu porque eu, mal soube do seu plano
de aproveitar depois as aguas dos engenhos
para as levar ao valle, eu quiz comprar ao mano,
a meu cunhado, e ao conde, o valle; eram empenhos
de minha filha...

BARÃO

Sim?!

BARONEZA

Lucilla é muito fina
e foi a da lembrança. Encarreguei-o d'isto...

BARÃO

O engenheiro?

BARONEZA

É verdade. E então como imagina
que responde

Desdenhosa.

o sôr Jorge?

BARÃO

Agradeceu, está visto.

BARONEZA

Despedindo-se ali n'aquelle mesmo instante.

BARÃO

E foi dizer...

BARONEZA

Não, não. Lá n'isso foi correcto;
propoz ao monsenhor e ao conde o seu projecto
sem lhes falar no meu...

BARÃO

Sim, mas quem nos garante
que o não dirá depois?

BARONEZA

Emfim, quem eu lastimo
é o pobre monsenhor que arrisca n'esta empreza
vinte contos de réis, toda a sua riqueza!...
E então não é por elle, é tudo pelo primo!
Desculpe-me, barão, são cousas de familia,
mas eu sei que nos tem mais amisade a nós
e é bom desafogar nas horas de quisilia
com alguem que nos ame...

BARÃO, *com enthusiasmo e precipitado*

E quanto! A minha voz
nega-se a traduzir, senhora, os sentimentos
da minh'alma! e porquê? Bem sabe, é que o infinito
não se póde abranger n'uma expressão

Áparte.

Bem dito.

BARONEZA

Que quer dizer, senhor?

BARÃO

Eu digo que os momentos
e as horas de quisilia ás vezes duram menos,
se ao nosso lado alguem, comnosco as compartilha.

BARONEZA

Por isso resolvi casar os dois pequenos...

BARÃO, *luzindo-lhe o olho*

A menina tambem?!

Áparte.

Ai! que ella dá-me a filha.

Atira-te menino!

Alto.

Um anjo!

Áparte.

Valha-a Deus,
e eu a atirar-me á mãe!...

BARONEZA

É boa rapariga,
um nadinha burgueza. Emfim quem sáe aos seus...

SCENA XIV

Os mesmos *e* MONSENHOR

MONSENHOR

Não fui capaz de os ver! Thereza e a sua amiga
essas estão na sala. Os outros não os acho!...

BARONEZA

Não se incommode mais. É que naturalmente
foram ás obras...

MONSENHOR

Sim, de volta lá por baixo...

BARONEZA

Pois vamos nós tambem.

BARÃO

Vossencia não consente
que lhe offereça o braço?...

BARONEZA

Acceito. Agradecida.

MONSENHOR

Ha um caminho aqui melhor; detesto atalhos.

Sáe.

BARÃO, *apontando o arvoredo*

Bellas arvores!...

BARONEZA

Sim. Tem seculos de vida!

São fidalgos do bosque aquelles seis carvalhos.

Saem.

SCENA XV

LUCILLA *e* THEREZA

LUCILLA

Desfaz-se uma illusão e outra illusão succede...
Parece-te que o sonho ha de durar-te a vida!
Como t'illudes, filha!... Embora te segrede
um sonho seductor, pedindo o que te pede,
mente-te o coração, ingenua Margarida.
Fausto é uma mentira, e uma mentira infame,
porque elle o que te quer é apenas a riqueza.

THEREZA

Mas se eu sou pobre?

LUCILLA

Sim... Mas elle tem certeza
de que o não és em breve e, embora te não ame,
eu bem o vejo a urdir, a urdir pacientemente
a finissima têa azul, quasi invisivel,
onde te espera a aranha immovel, repellente,
ó temeraria mosca, e uma agonia horrivel!

THEREZA

Mas Jorge ignora tudo e toda a gente o ignora.
Só tu me adivinhaste o meu segredo. Amei-o
quasi sem o saber! Cravou-se-me no seio
o seu primeiro olhar, illuminou-m'o e agora...
agora não se apaga, eu sei que não se apaga.

LUCILLA

Illudes-te, verás.

THEREZA

Oh! não me illudo, não.
Dize áquelle arvoredo: — A aragem que te afaga
o tremulo folhame é falsa, é uma illusão;

Com grande enlevo.

e á folha que não estremeça;
que não murmure o carvalho;
e á rosa que impallideça,
porque é mentira o orvalho.

Vae dizer ás camponezas
que não cantem nos serões,
porque os echos das devezas
são simplesmente illusões.

Dize áquellas andorinhas,
que não façam ninho mais,
porque já, desgraçadinhas,
não ha grutas nem beiraes.

Quando o sol nasce e vermelho
todo o mar pasmado o admira,
dize ao mar que quebre o espelho,
que tudo aquillo é mentira...

Mas não me digas mais que o sol que m'illumina
em turbilhões de luz os céus do coração,
se ha de apagar — ai! nunca, isto é fatal, é sina!...

LUCILLA

Illudes-te, verás.

THEREZA

Oh! não m'illudo, não.

Sáem.

SCENA XVI

MONSENHOR, *só*

Parece que se me somem!

Responde para dentro.

Que?

Pausa.

Vão sim pelo caminho.

Desce.

Sumiram-se! Ora aquelle homem.

não sabe que me consomem
deixando-me assim sósinho?
Lá vem.

Vendo-os entrar, senta-se no sofa.

SCENA XVII

MONSENHOR, CARLOS, CONDE
e BERTHA

CONDE, *áparte*

Olá! solitario?...

Alto.

Ó prior? Ó padre cura?
Ó abbade?... Ó bispo, ó vigario?
Sacrista?...

CARLOS, *a* BERTHA

Celibatorio
garantido, que ventura!
por dois annos! Obrigado!

Aperta a mão.

Obrigado.

CONDE, *já ao pé de* MONSENHOR

Ó sô janota?

BERTHA, *a* CARLOS
Cá sabe-se de advogado.

CONDE, *indicando* MONSENHOR
O homem dedilha a gavota
nos joelhos! Está amuado.

MONSENHOR
Se te parece! Ha uma hora.
depois de tanta insolencia
que me disseste inda agora,
fogem-me os tres por'hi fóra,
e eu que os procure!...

CONDE
Ó eminencia?
estavamos em conselho
todos tres.

BERTHA
E muito grave.

CARLOS
Uma especie de conclave
dentro do celleiro velho.

MONSENHOR
Tive mesmo a mão na chave!

SCENA XVIII

Os MESMOS *e* ANGELO

ANGELO *entra correndo a desfilada até frente da casa e gritando sem os ver*

Carlos? Carlos?

Estaca vendo-os.

Ah!

CARLOS

Que é isto?

BERTHA

Angelo! o que é?...

CARLOS

Vá, responde,

Que me queres?

ANGELO, *beijando as mãos do* CONDE *e* MONSENHOR

Senhor conde;

Monsenhor... Não tinha visto...

MONSENHOR

Houve alguma novidade?

ANGELO

Nada, monsenhor.

CARLOS

Porque era
então tanta pressa?

CONDE

Espera;
o homem não póde.

ANGELO

É verdade,
estou cançado. Podera;
vim como um vento

BERTHA

Mentira...

ANGELO

Porque é mentira? Ora essa!

BERTHA

Porque o vento não tropeça
e quando cáe nunca vira
os pés por sobre a cabeça.

Rindo.

Olhem, olhem para isto.

Sacode-lhe o pó.

CONDE

Déste uma queda!

ANGELO

E valente.

Vinha a correr; de repente
a valla, sem a ter visto...

CONDE

E catrapuz!

ANGELO

Justamente.

Não faz mal. Ouve...

Reune-se a Bertha e Carlos.

CONDE, *revendo-se em* ANGELO

É o que eu digo!

Até faz pena, não faz?
Não sei o que tem comsigo
o demonio do rapaz!
Morro por elle! Ó Rodrigo?
Não termos nós um assim!

MONSENHOR

É verdade! É que o bregeiro
tem seu quê de feiticeiro!
Palavra! encanta-me!

CONDE

E a mim,
e toda a gente!

MONSENHOR

E o engenheiro?
Que rapaz aquelle!

Para ao gesto do Conde, que lhe chama a attenção para o grupo dos outros.

CARLOS

Nada.
Inda se fosse outro dia
e outra especie de caçada...

BERTHA, *supplicando*

Carlos? Vae!

CARLOS, *aborrecido*

Mas que massada!

ANGELO, *supplicando*

Carlos dá-me esta alegria!

BERTHA

Carlinhos, sim?

CARLOS

Não, repito;
hoje não vou, já te disse.
Que mania! Que tolice!

CONDE

De Angelo?! Não acredito.

CARLOS

Tio, não é creancice...

BERTHA, *atalhando*

Não senhor, eu é que digo...

CONDE

Pois está muito enganada;
eu não quero saber nada
A Angelo.
senão por ti, meu amigo.
Trata-se de uma caçada,
não é isto?

CARLOS

Sim, á espera.

CONDE

Bom; á espera, já se vê,
de um tigre, de uma panthera
ou de um lobo...

ANGELO

Quem me déra.

CONDE

Não tinhas medo?

ANGELO

Eu? de quê?

CONDE

Vêem vocês?... Um valente!

CARLOS, *escarnecendo*

Se a raposa na caçada
pára e lhe arreganha o dente...

ANGELO

Mato-a mesmo arreganhada
e trago-t'a de presente.
E assim terás quem se ria
dos teus ditos engraçados.

CONDE

Bravo!

Ri.

BERTHA

Muitos apoiados...

Ri.

CARLOS, *rindo*

Felicito a vosseoria...

MONSENHOR

O pequeno é os meus peccados.

CARLOS, *concluindo*

Pela réplica.

ANGELO, *carinhosamente a* CARLOS

E não guardas
resentimento, pois não?
Perdoas?

CARLOS

Do coração.
Vou buscar as espingardas;
agrada-te este perdão?

BERTHA, *abraçando-o muito*

Bravo, bravo.

ANGELO

Ó mais leal!

Abraça-o muito.

Ó sublime!

BERTHA, *agarrada a ell*

Ó rei dos primos!

CARLOS, *sacudindo os dois perseguidores*

Basta, basta. E então que tal!

ANGELO

Com mil bençãos te seguimos.

BERTHA

Nós e o cysne...

ANGELO

E o teu pombal.

Vão a sair os tres para a casa da direita. O Conde chama Angelo este fica.

SCENA XIX

Os MESMOS, *menos* CARLOS *e* BERTHA

CONDE

Angelo, mas finalmente
eu ainda não sei nada:

trata-se de uma caçada
á espera, não?

ANGELO

Justamente,
da raposa, da malvada,
que hontem e mesmo á noitinha
ía matando, a maldita!...

CONDE

Sim, a cysne...

ANGELO

Coitadinha!
E se o marido não grita...

CONDE

Tinha-a levado...

ANGELO

Isso tinha.
E tão bonita e tão mansa!..
E depois que mãe aquella!...
Tenho até desconfiança...
foi, vendo em risco a creança,
que preferiu morrer ella!...

CONDE

É natural!...

MONSENHOR

Muito bem.

ANGELO

Era capaz d'isso, creia.
Aos extremos que ella tem...

CONDE

Muito extremosa!...

ANGELO

Oh! que mãe
aquella! Não faz ideia!...

Com que infinito carinho
nas aguas de leve ondeadas
ella acalenta o filhinho
na sua cama de arminho
dentro das azas infladas!...

Com que amor ella fluctua
quasi immovel, silenciosa,
do ar até receiosa

e até dos raios da lua
ou da manhã côr de rosa!

E basta que uma folhita
pouse a tremer na miragem,
estremece a mãe afflicta
e elle deita a cabecita
logo fóra da plumagem

Escondendo o corpo inteiro
na tolda branca da nau
como quem diz, o bregeiro!
«Pois senhores não é mau
Esfregando as mãos.
Isto de ser marinheiro!»

CONDE

Tem graça.
Ri.

MONSENHOR

É boa!...
Ri.

ANGELO

Portanto
é indispensavel dar cabo
da raposa.

CONDE

É certo.

ANGELO, *concluindo*

Emquanto
aquelle grande diabo...

Atrapalha-se olhando para Monsenhor.

CONDE, *concluindo por elle*

Não condemna ao luto e ao pranto
da viuvez e da orfandade
toda a familia do lago.

MONSENHOR

Sem falar no grande estrago
que ella tem feito...

ANGELO

É verdade.
Muito bem.—Ora eu já trago
licença de meu irmão;
mas indo Carlos commigo,
de outra fórma diz que não.

CONDE

Comprehendo — e a Carlos então
custa-lhe ter d'ir comtigo...
Ahi vem Carlos.

SCENA XX

Os mesmos, CARLOS *e* BERTHA

CARLOS, *traz uma espingarda na bandoleira, na mão duas, sendo uma de senhora*

Ora escolha
d'essas duas, meu senhor.

CONDE, *prevenindo-o*

Leva a d'elle que é melhor.

CARLOS

E para mim?

CONDE

Carlos, olha.
tu és um mau caçador
e se has de ir contrariado,
fica.

ANGELO, *triste*

E quem ha de ir commigo?

CARLOS

Ó tio...

Aponta-lhe a tristeza de Angelo.

BERTHA

Ó papá? Coitado!

CONDE

Então não tens outro amigo?

ANGELO

Que?! Vossencia!!

CONDE

Um seu creado.

ANGELO

Que alegria! Oh! que alegria!

CONDE

Venha a espingarda.

Põe o cinto de Carlos ajudado por este e Angelo, e toma a espingarda.

BERTHA

Ó papá?
Ó papásinho? Eu podia
ir tambem...

MONSENHOR

Mas, olha lá,
Ruy, e a tua nevralgia?

CONDE

Cuidas que não te adivinho?
O que te custa sei eu,
é que eu te deixe sósinho.
Venha tambem.

MONSENHOR

Pois, valeu,
vou tambem.

BERTHA

Ó papásinho?
Olha; não vou, se não queres;
não vou, mas morro de pena.

CONDE

Não é proprio de mulheres.

BERTHA

Mas eu sou uma pequena,
não sou mulher.

CONDE

Se me deres
mais mil beijos por semana...

BERTHA

Aqui tens já dois á conta
Que bella cousa!...

Carlos e Angelo, um de cada lado, põem-lhe o cinto, outro da-lhe a espingarda.

Estou prompta.
Levo a espingarda da mana.
O cinto...

Pondo-o a tiracol.

assim... não me affronta.

MONSENHOR

Carlos, manda-nos alguem
com os casacos.

CARLOS

Sim, tio.

Sobe, correndo á direita alta.—Olha.

Ó Fagulha?

Escuta.

Vem, sim, vem.

SCENA XXI

Os mesmos *e* FAGULHA

Fagulha apenas entra descobre-se,
ou entra já de chapéu na mão e grande cacete

MONSENHOR

A noite ás vezes faz frio
sempre é bom.

CARLOS, *que entrou na casa, e sáe logo com os casacos*
põe-os no pau ao hombro de FAGULHA

Prompto, aqui tem.

ANGELO

O Fagulha é o bagageiro...

BERTHA

Se a raposa te arreganha
o dente, ó Fagulha?...

FAGULHA

Apanha.
Mando-lhe este marmelleiro
aos queixos, já perde a manha.

SCENA XXII

Os mesmos, LUCILLA *com* THEREZA
e pouco depois o BARÃO
dando o braço á BARONEZA

CONDE

Promptos?

BERTHA

Promptos, capitão.

CONDE

Chegue á fórma, ó sô vigario!

MONSENHOR

Nada, eu serei capellão.

CONDE

Bem.

Commanda.

Braço armas. Ordinario.
Marche.

THEREZA, *que descia com* LUCILLA, *parando ambas*

Bravo á expedição!

Sobem cantando, o Conde, Angelo, Bertha e Fagulha, e marchando todos na cadencia da musica, excepto o Monsenhor, que a rir e de pau ao hombro segue a passo curto fóra da fórma e da cadencia.

En chasse—Allons, pas de retard,
L'aube pallit sur la montagne
Fouillons les taillis, la campagne...
C'est un malin maître renard.

MONSENHOR, *mesmo simultaneo com o canto*

Mas marchem mais devagar...

Para a Baroneza.

Até já.

BARONEZA, *entrando com o* BARÃO

Ora a doidice!

CONDE, *parando em frente da* BARONEZA

Alto, frente. Apresentar
armas... Hombro armas. Marchar!

Saem, esquerda alta, cantando ainda em bastidores.

BARONEZA, *desdenhosa*

A segunda meninice!

ACTO SEGUNDO

A SCENA

Uma clareira n'um bosque. A um dos lados uma pequena casa pobre (casa velha de um guarda), com porta e duas janellas para a scena. Ao pé, á esquina inferior da casa, um banco muito rustico coberto por uns ramos de arvores cravados na terra.— Do mesmo lado, ultimo plano, ha uma arvore, entre outras, que tem nos ramos presa uma gaiola da qual vem um cordão por sobre a porta da casa, ter ao banco já indicado. A essa arvore têem de trepar duas pessoas. — Fronteiro áquelle banco um outro. De um e outro lado alguns vasos com plantas, gigas, carros de mão, enxadas, picaretas, etc., etc.

SCENA PRIMEIRA

MARIETTA *e* MARIA, *entram da casa*

MARIETTA

Mas ámanhã não venha; é já demasiado.
Diga ás meninas, sim?

MARIA

Não digo, não senhora;
que eu gosto de cá vir e sei que era escusado.
Ri.
É um riso! Haja o que houver, é certo, áquella hora
«Ó Maria? O cabaz, Maria?» e lá vem ellas,
a qual ha de trazer mais coisas, faz lá ideia!
Aquillo até dá riso a uma pessoa vel-as!
Elle é fructa; elle é doce! é o copo de geleia
todos os dias fresca!

MARIETTA

E então como ella é feita!

MARIA

Pois olhe, se quizer, ensino-lhe a receita;
e a ninguem mais a dava...

MARIETTA

E eu muito lhe agradeço.

MARIA

A Therezinha agora é quem a faz. Conheço
que a faz mais apurada ainda do que a minha
ha tempos para cá. A nossa Therezinha
aquillo é para tudo!

MARIETTA

Eu digo francamente,
como aquella menina, e a outra, como as duas,
tenho corrido mundo e visto muita gente,
mas ainda não vi meninas como as suas.
A menina Lucilla é boa...

MARIA

Ai! nada, nada...
Cá isto é outra loiça. E se quer que lhe eu diga...
Confidencial.
não creia n'ella.

MARIETTA

Não?! Parece minha amiga.

MARIA

Peior. É que n'alguma a leva então fisgada.
Aquella, eu é que sei, é falsa!... E não admira;
o dictado lá diz: — «Mulher e cão de caça,
quando se querem bons, procuram-se de raça».
São dictados do povo e é raro o que é mentira.
Já o Carlinhos...

MARIETTA

Esse! A esse quero eu tanto
como se fosse irmão dos meus meninos...

MARIA

Bem,
porque sáe a seu pae e ao tio, áquelle santo
do monsenhor

Explica.

Bem vê, que a baroneza, a mãe,
do primeiro marido é que teve a Lucilla;
enviuvou depois, muito novita ainda.
Vizinha aqui d'ao pé, joven e rica e linda...
aquillo eram assim...

Gesto.

coitada, a perseguil-a!
Mas o senhor Dom Nuno, irmão do monsenhor
e tambem de minha ama, ai! Deus lhes falle n'alma
porque ambos já lá vão, entrou a ter-lhe amor...
era um lindo rapaz, foi quem levou a palma.

MARIETTA

De certo o senhor conde oppoz-se ao casamento?

MARIA

Muito; não faz ideia. Até ficou de mal
com o cunhado! Então? são coisas! a final
o tempo tudo lança ao chão do esquecimento...

MARIETTA, *receiosamente*

A tudo, tudo, não. Segundo o que me disse,
ha coisas que elle, o conde, ainda não esquece...
A morte do marquez, o irmão mais velho...

MARIA

Oh! d'esse!
Aquillo chega a ser, sabe que mais? doidice.
Pois então não é assim? Ha tantos annos já
e ninguem é senhor de pronunciar ao menos
o nome do marquez! É certo que em pequenos
o conde áquelle irmão amava-o, que eu sei lá!...
E vêl-o assim morrer! Tão longe! E sem arrimo!
Pobre! E de mais a mais perder tanta riqueza
para salvar-lhe a honra, é de fazer tristeza.
E tudo por amor d'esse maldito primo,
o conde de Sevêr, que enfeitiçou meu amo
e lá o levou comsigo! O auctor d'esta desgraça!
Meu Deus! O que é que tem? Que pallidez! Eu chamo
o senhor Jorge, quer?

MARIETTA

Não, não chame, isto passa;
e continue, sim? Mas diga-me, esse... conde...
o tal primo, tambem me diz que ficou pobre!

MARIA

Sim, foi para os Brazis; lá está quem sabe aonde?
Eu só de ouvir-lhe o nome, é como ouvir um dobre.
Que fosse miguelista, emfim tambem eu era,
eu e toda a familia, é boa! Mas depois,
se o nosso rei perdeu, paciencia, não perdêra;
mas não senhor, ahi vão para o estrangeiro os dois
elle e o senhor marquez...

MARIETTA

Não acha que foi nobre,
acompanhar el-rei na sua desventura?

MARIA

Seria, mas levar o primo á sepultura
com remorsos ao ver toda a familia pobre,
abusar da amisade immensa do marquez
e fazêl-o assignar fiança a tal quantia,
sabendo muito bem que nunca a pagaria!
porque a não tinha, é claro... E vae então que fez?
á sombra do rapaz lá mesmo no estrangeiro
levanta os tres milhões de cruzados, que tal?
Olhe que tres milhões é muito bom dinheiro!

MARIETTA

E gastou-os depois? talvez jogando...

MARIA

Qual?

Fartou-se de gastar a rodos, ás mãos cheias,
tudo com o partido a ver se conseguia
que el-rei nosso senhor voltasse ao throno um dia!
Gastasse o que era seu, se tinha essas ideias;
mas ir gastar o alheio! Oh! isso é tanto monta
como saír á estrada! E então a consequencia!
Esta casa caír do luxo e da opulencia
de tantas gerações que eu nem lhes sei a conta...
Meu Deus! mas outra vez tão pallida! Coitada!
O que é que tem? Eu vou chamar...

MARIETTA

Não, minha amiga

MARIA

Uma gota de chá...

MARIETTA

Não, não! muito obrigada.

MARIA

Entristeci-a, vê!

Alegre.

Pois olhe...

MARIETTA

Diga, diga.

MARIA

Não pense n'isto mais, senão com a lembrança
de que foi o seu filho a quem a Providencia
encarregou de vir trazer-nos a esperança,
a alegria perdida, o luxo e a opulencia...
Inda hontem á noite, o monsenhor dizia
ás meninas e ao pae...

MARIETTA, *avidamente*

Sim, sim...

MARIA

«Vereis, vereis...
É uma restituição e é Deus que vol-a envia;
levou-vos tres milhões e dá-vos mais de seis.»

MARIETTA

Louvado seja Deus!

MARIA

Amen Jesus. E quem?
Quem fez este milagre?

MARIETTA

É certo. É milagroso!
Quiz dar-me essa ventura, o Todo Poderoso
por tanto que chorei! Foi Jorge...

MARIA

Elle ahi vem

Fallae no mau...

Rindo.

no bom, quero dizer.

SCENA II

MARIETTA, MARIA *e* JORGE

JORGE

Marietta?

Ó mãe Marietta!...

Vendo Maria.

Olá! Estavas na companhia
da tua amiga! Então, vae sempre bem, Maria?

MARIA

Eu bem, graças a Deus.

Ouve ao longe a sineta.

Jesus, lá está a sineta
a tocar para nós. Saíram já da mesa
os senhores; adeus. Em eu aqui chegando,
é isto que se vê!

JORGE

E é bom, de quando em quando

traga a sua alegria
Indicando a mãe.
ao pé d'esta tristeza.

MARIA

De certo... Adeus...
Sáe.

MARIETTA

Adeus.

SCENA III

MARIETTA *e* JORGE

JORGE, *com enthusiasmo indo sentar a mãe no banco á direita e sentando-se tambem*

Vem cá, vem cá depressa.
É Deus que nos conduz, é Deus que m'illumina.
Não ha que duvidar. O mineral não cessa!
Nos poços que hoje abri do lado opposto á mina...

MARIETTA

Continuaste a encontrar?...

JORGE

Riquissimo, precioso,
de uma riqueza enorme e quasi á flor da terra!

Nunca vi coisa igual! E é toda, toda a serra
o mesmo! Pois não é devéras prodigioso?!
Hesito mais de um mez; calculo, scismo, estudo...
e sempre aquella ideia, aquelle pensamento
de perfurar o monte!... Era um presentimento!...

MARIETTA

Inspiração do céu. Foi Deus o que fez tudo.

JORGE

Eu podia evitar o tunel e é possivel
dar-se um outro traçado ao leito da levada;
mas sempre aquella força occulta, irresistivel
a acorrentar-me á mente a mesma ideia!

Levantando-se com resolução.

Nada;
decido-me a final; começo dos dois lados;
e em pouco, a cada tiro, ali gravado, inscripto
por mão do proprio Deus, meus olhos deslumbrados
traduzem a meus pés nos blocos de granito
esse aviso do céu, confiando-me a mim logo
o segredo guardado ha seculos no abysmo
das entranhas da terra e ali sellado a fogo
n'alguma convulsão de um grande cataclismo!
Pódes crer, mãe Marietta, eu nem me desvaneço

por ter vencido; não, pois se eu nem lucto! Vê:
na escola de París, vê bem desde o começo,
encontro Carlos; vi-o e, sem saber porquê,
amei-o como a irmão desde o primeiro dia.
Termino o curso, faz um anno e pouco mais
e contas-me a final a historia de meus paes.
Seu nome, a sua patria; eu nada conhecia...

MARIETTA

Porque elle assim mandou.

JORGE

Fez bem. A sua herança,
a sagrada missão legada á hora extrema
ao filho, esmagaria um peito de creança.
Não é para luctar um coração que trema.
Poucos dias depois o Carlos escrevia.
Estava aberto o campo á lucta...

MARIETTA

E da victoria.
Louvado seja Deus!

JORGE

Não é pois grande a gloria,
A sombra de meu pae guiava-me... eu segui-a.

MARIETTA

Inda ao expirar o disse: — «Irei pedir a Deus
que me deixe seguir meu filho dia a dia,
leval-o pela mão, sempre invisivel guia,
a ganhar-me na terra a minha paz nos céus». —
E ao partir do Pará, mal firme na esperança
de encontrar em París, a cura do seu mal,
tambem nos disse: — «Eu não, meu espirito immortal
um dia, queira Deus, guiando essa creança
aqui virá talvez...» —

Chora.

JORGE

Guiaste-me, é verdade,
caro martyr! E é tua emfim a paz suprema,
pois que Deus me deixou despedaçar a algema
que á terra te prendia em plena eternidade.

Vendo que Marietta chora.

Mas não te quero ver mais lagrimas no rosto.
Escuta; ao despegar a gente do serviço,
dá-se o tiro final no tunel; e por isso
quero que tu vás ver.

MARIETTA, *sorrindo triste*

Se n'isso te dou gosto...

JORGE

De certo não és tu das minhas alegrias
a maior?

MARIETTA

Oh! meu Jorge...

Abraça-o.

JORGE

Está bastante gente.
Ao tiro ligar-se-hão as duas galerias,
e teremos folguedo e festa certamente...

Reparando na cabana de Angelo.

Mas, agora reparo! O que vem a ser isto?

MARIETTA

Foi Angelo que poz aqui esta ramada
e ali esteve esta noite até á madrugada
á espera da raposa. Ouviu que a tinham visto
a mirar-lhe o viveiro aonde tem a rola...

JORGE

Deixemol-o gosar. Trouxeste-o ha vinte dias
e é tão feliz, coitado! Ah! bem me desconsola
a ideia de o roubar a tantas alegrias!
Achei-o hoje triste! E até, reparo agora,
inda o não vi com Bertha em todo o dia!...

MARIETTA

É certo
inda a não vi tambem!...

JORGE

Um coração aberto
a tudo quanto é bello e nobre! É encantadora
Bertha! E tão nossa amiga! Oh! crê, faz-me tristeza
pensar que dentro em pouco e até sem a esperança
de tornarmos a ver essa gentil creança,
he diremos adeus. Cara Bertha!

MARIETTA

E Thereza?
Não has de tambem ter saudades...

JORGE, *perturbado*

Sim, tambem...
De todos... Olha... vae guardar-me no teu cofre...
É o registo da mina...

Dá-lhe um documento.

MARIETTA

Eu vou...

Aparte indo.

O que elle soffre!

Entra em casa.

SCENA IV

JORGE, *só*

Bem sei que não se illude um coração de mãe.
Ella posso illudil-a e é facil, como pude
pelo immenso poder de uma vontade firme,
como a mim proprio pude ás vezes illudir-me.
Um coração de mãe esse ninguem o illude!
É que, ou seja uma dor ou seja uma ventura,
ao sentirmol-a nós, já ellas a lá tem,
ou mortas de alegria ou mortas de amargura,
a abrir-lhes fibra a fibra o coração de mãe.

Vendo Thereza.

Ella aqui!

SCENA V

JORGE *e* THEREZA

THEREZA, *muito enleiada*

Senhor Jorge... eu vinha na certeza
de que não estava aqui...

JORGE

Bem sei, minha senhora
e peço-lhe perdão...

THEREZA, *cada vez mais embaraçada*

De que?

JORGE

Da má surpreza.

Perdoe-m'a vossencia. Estava ainda agora
commigo... Eu vou, permitte? Eu corro a prevenil-a.

Sae para a casa.

SCENA VI

THEREZA, *só*

Segue-o instinctivamente como pretendendo chamal-o e não ousando

E deixou-me!... Pois isto é que é fazer a côrte?
Não é possivel, não; engana-se Lucilla.
Nem sequer pensa em mim, na minha triste sorte.
N'uma coisa entretanto o que ella diz é certo...
Quanto mais me despreza e quanto mais me foge,
ai! de mim! mais lhe eu quero. E quando assim é hoje,
que o sinto tão distante, ai! tanto! e aqui tão perto!
o que será depois, passados poucos dias,
quando eu aqui vier tambem por esta hora?
Heide dizer talvez das lagrimas de agora

«Quem mas déra, meu Deus, por minhas alegrias!»

Assustada, olhando para a direita.

Ahi vem Bertha e o tio!... E elle aqui!... Não quero
que me encontrem...

Sáe, torneando a casa.

SCENA VII

JORGE *e* MARIETTA, *de casa*

JORGE

Ahi tens! Thereza foi-se embora,
demorámo-nos... Bem, não penses mais agora
no cofre. É uma illusão.

Sobe, olhando para onde foi Thereza.

MARIETTA, *seguindo-o*

Deus queira; o que assevero
é que achei os papeis em certo desarranjo...

JORGE

Alem está ella, vês? com Angelo...

MARIETTA, *vendo*

É verdade.
Vou ver se ella quer ir...

JORGE

Mas não contra vontade.

MARIETTA

Sim, sim. Adeus.

Sae.

JORGE

Adeus. Não te demores.

Olhando na mesma direcção.

SCENA VIII

JORGE e BERTHA.

Bertha entra sorrindo, nas pontas dos pes. Já perto d'elle ao erguer os braços para tapar-lhe os olhos, ouvindo-o começar, para espantada. Depois recua com visivel medo de ser vista por Jorge, recuando por isso vagarosamente.

JORGE, *vendo ao longe* THEREZA

Anjo!...

Quero dizer-lh'o assim, quero dizer-lh'o a vêl-a.

Ó Thereza, Thereza, adoro-te, querida!

Não sentes na minha alma a tua confundida?

Não sentes n'este olhar a tua luz, estrella?

Não sentes n'este beijo

Atira o beijo com os beiços sem gesto.

a minha vida inteira

ahi caír-te aos pés como a extenuada corça,
que no deserto immenso apenas teve a força
de ir caír e morrer ao pé de uma palmeira?
Thereza? Oh! como é bom dizer-lhe e ouvir-lhe o nome!
Quantas vezes depois, ai! quantas vezes hade
ser elle o meu luar agora que se some
o sol do meu amor nos mares da saudade!!
Thereza...

BERTHA, *ja dentro de bastidores*

Ó tio? venha; é o senhor Jorge, é sim.

JORGE, *estremecendo*

Què? Bertha?!

BERTHA, *apertando-lhe a mão*

Como está?

JORGE

Não a senti!

BERTHA

Podéra.

Estava todo absorto! Em que scismava assim?

JORGE

Ahi vem o monsenhor... Nem eu já sei no que era.

Vae ao encontro de Monsenhor e sáem os dois.

SCENA IX

BERTHA, *só*

Sei eu, meu Deus, sei eu! Que heide eu fazer agora?
Aquillo é que é o amor! Agora é que eu comprehendo!

Imita-o.

Adoro-te, ó Thereza. — É claro, se elle a adora,
é que lhe tem amor! Ainda estou tremendo
do que ouvi! Santo Deus, como um segredo pesa!
E quanto soffre! É isto! A perfumada flor...
O espinho que nos fere!... Espera... mas... Thereza
soffre immenso tambem!... portanto... é isso! O amor!
E a quem póde ella amar? A Jorge, pois a quem?
Jorge!

Alegre.

Não sei porquê, gostei agora d'isto.
Não sei se faço mal, não sei se faço bem,
mas vou dizer já tudo a minha irmã, está visto.
Famoso! Ahi vem ella. É Deus que a traz, coitada!

SCENA X

BERTHA *e* THEREZA

THEREZA

Bertha, então que foi isso? O que é que tu fizeste
ao pobre Angelo? dize. Está como um cypreste!
n'uma tristeza!

BERTHA

Então?! Jogámos a pancada.
Logo te explico tudo.

Aparte.

Então não estou com medo!

Alto.

Thereza tu não és bastante amiga minha...

Aparte.

Agora vae...

THEREZA, *rindo carinhosamente*

Não sou?!

BERTHA

Se o fosses, eu não tinha
de adivinhar...

THEREZA

O que?

BERTHA, *com receio*

Thereza... o teu segredo...
Oh! não estremeças, filha; escuta e tem confiança

na tua pobre irmã que te ama... quasi tanto...
como elle.

THEREZA, *muito commovida*

Bertha!...

BERTHA

Escuta: eu sei que sou creança...
mas choras, soffres! vês? Para enxugar-te o pranto

uma creança basta, amando-te devéras;
e não te sei amar devéras eu tambem?

THEREZA

Mas, filha, quem te disse essa loucura? Quem
te fez acreditar, tontinha, em taes chimeras?

BERTHA

Quem foi? O proprio Jorge ainda agora ali...

THEREZA

É lá possivel, Bertha?!

BERTHA

Eu ía subtilmente
a fim de lhe tapar os olhos; de repente
ouço o Jorge a fallar e a ver-te ao longe a ti...
Imita Jorge.
«Oh! Thereza, Thereza, adoro-te...»

THEREZA

Estás certa
de ter ouvido, oh! dize...

BERTHA

Eu fico muito afflicta;
recuei, mas devagar, de modo...

THEREZA

Oh! dize, Bertha:
o que lhe ouviste mais?

BERTHA

Ouvi, mas acredita,
que ouvi contra vontade; ouvi. mas foi á força...

THEREZA

Conta, não esqueças nada...

BERTHA

Eu não, nem uma lettra...
«Thereza... o meu amor é o sol... e tal... *et cœtera*
Depois... é uma palmeira (és tu) e era uma corça
no deserto a correr já toda estafadinha...
(A corça é elle, ouviste?) e vae... e corre... e corre...
para ao pé da palmeira... e n'isto, coitadinha,
apenas lá chegou, cáe ao pé d'ella e morre...»

THEREZA, *contrariada*

Que mais, que mais?

BERTHA

«E tal... Porque o teu nome é a lua...

E hade dar-me o luar na noite da saudade...
Não sentes a minh'alma abraçadinha á tua?...
E tal... e muita coisa...

THEREZA

Oh! Deus... É pois verdade?!

BERTHA

E então que voz aquella!... Ai! filha, que tristeza!...
Diz o nosso papá que um homem nunca chora
senão cá dentro, e é certo, é certo, vi-o agora!...
Sobretudo ao dizer-te o nome, assim:

Imita-o.

«Thereza...»

Parecia que a voz vinha a escorrer ainda
das lagrimas que traz lá dentro, coitadito!...

THEREZA

Acreditas então que me ama?

BERTHA

Se acredito?!
Pergunta-lhe e verás. Olha, uma ideia linda.
Eu vou chamal-o e então pergunta-se-lhe, queres?

Espera.

Chama.

Ó Jorge?

THEREZA. *tapando-lhe a bôca*

Bertha! Oh! pelo amor de Deus...

BERTHA

Então porque? faz mal?...

THEREZA

De certo.

BERTHA

Bem, preferes...

THEREZA

Prefiro que me dês milhões de beijos teus,
minha adorada irmã. Que o Deus do céu te pague
o bem que me fizeste...

Beijam-se.

BERTHA

Ainda bem! E agora
tem já confiança em mim, diga, minha senhora?

THEREZA

A mais completa.

BERTHA

Mais que n'essa... Ai! que azurrague!

THEREZA

Em Lucilla? É verdade, ó filha, não lhe digas
coisa nenhuma...

BERTHA

Quem? Eu!... Eu, áquella typa!...
A mim basta-me vêl-a é logo duas figas...

SCENA XI

BERTHA, THEREZA, MONSENHOR,
ANGELO *e* MARIETTA

MONSENHOR *a* ANGELO

Pois de certo; ao relento é mau dormir, constipa...
Thereza? Minha filha? Então?... Ella resiste?

THEREZA

Não, tio, não resiste.

BERTHA

O que é? fazer as pazes?
Resisto, sim senhor.

THEREZA

O quê? Pois nem o fazes
ao tio, á mãe Marietta e a mim?...

MARIETTA, *indicando* ANGELO

E áquelle triste?

ANGELO

Eu cá não peço...

BERTHA

Ah! não?

ANGELO

Podéra! Eu sei que é inutil...
Quem poude dar-me um sôco...

BERTHA

É falso, foram dois.

MONSENHOR

Mau! As pazes primeiro e expliquem-se depois.

ANGELO

Por tão futil motivo!

BERTHA

Oh! muito, muito futil!
Ó mãe Marietta, veja... Estavamos jogando...

MARIETTA

A malha; eu já sei tudo.

BERTHA. *para a irmã*

Eu tinha meio jogo.
Negou. Disse-lhe então que nem sequer brincando
mentìa nunca. Ai! filha, empertigou-se logo...

Angelo casualmente encobre-se com Monsenhor.

com ar trocista... Então? que é isso? não te escondas.
Deu-te a vergonha agora?

Continuando.

E vae então chamou-me...

ANGELO *a* THEREZA

Vossencia já conhece o pavoroso nome
que eu lhe chamei então — *Madame Epaminondas*

Ri.

MONSENHOR *a* BERTHA

Não é nada offensivo...

THEREZA

Até pelo contrario
é lisonjeiro...

BERTHA

Sim?! O quê elle é com certeza
é ridiculo em mim. Na tia baroneza
é que ficava bem: no porte nobiliario...
n'aquelle seu andar

Imita.

Assim... todo elle ás ondas
Andar de grande gala... Á tia sim senhor
ficava-lhe a matar — *Madame Epaminondas*...

Riem todos.

MONSENHOR

É boa.

Ri.

Muito bem, mas façam-me o favor
de se abraçarem, vá...

BERTHA

Ao tio e á mãe Marietta
é que eu cedo, senão...

ANGELO

Pois eu sou mais egoista
e não cedo a ninguem..

Beija-lhe a mão.

MONSENHOR

Isso mesmo.

BERTHA, *batendo-lhe na cara meigamente*

Pateta!...

MONSENHOR

Ora vão brincar, vão...

Sae com Marietta e Thereza.

SCENA XII

BERTHA e ANGELO

BERTHA

Olha; aqui tens a alpista.
E o pintasilgo? então?

ANGELO

Traz comida ao filhinho
e ali anda a cantar, poisando na ramada,
e em cima da gaiola a contemplar o ninho...
Chega a pousar na porta. Entrar lá isso... nada.
Queres ver o cordão?

Vão dentro da especie de cabana da espera.

Se elle entrar na gaiola
Zas! e fecha-se a porta...

BERTHA

Ai! se elle agora vem!...
Achas que seja o pae?

ANGELO

Nada. Ao que ella é de tola
pelo filhito, aquillo é com certeza a mãe.

BERTHA

Essa agora! Então os ninhos
não são das mães e dos paes!?
Pois elles não tem carinhos,
ternuras para os filhinhos?

ANGELO

Sim, mas as mães muito mais.

BERTHA

Aqui na vossa cabana
sabes o que succedeu?
Morreu um filho á Marianna
e o pae na mesma semana
caíu doido!...

ANGELO

E a mãe morreu...

Olha, ali n'aquelle ninho...
Olha se a mãe o abandona.

BERTHA

E porque? Porque o tolinho
do marido, do andorinho,
lhe faz tudo, á mandriona.

Desde que a manhã desponte
elle é pão, é caça... é quanto
ella quer! té vae á fonte!...

ANGELO

O filhinho que t'o conte,
dá-lhe a mãe vida entretanto.

BERTHA

Não ha differença alguma,
crê, no amor que elles nos tem.
Pois ha pae que não resuma
no seu amor... tudo em summa?
Vê meu pae!...

ANGELO

Vê minha mãe!

Faz ámanhã um mez que eu fiz o ultimo exame
e saí do collegio...

BERTHA

Eu sei.

ANGELO

Pois muito bem.
Dize-me se algum pae, por muito e muito que ame,
faz isto por um filho! e fel-o minha mãe!
No collegio de Orleans estive um anno e meio,
depois no de París estive tres e uns mezes;
pois sem faltar um dia a mãe Marietta, eu sei-o,
não deixou de passar tres, quatro e cinco vezes
pelo collegio, só por me sentir, parece,
uns minutos no dia ali mais perto d'ella!
E aquillo para ver apenas a janella
da aula onde eu estudava! Ha pae que tal fizesse?!

BERTHA, *muito impressionada*

E tu vial-a?

ANGELO

Vi. Por muitas vezes vi-a,
sem ella a mim me ver. Cortava o coração

o vel-a a olhar... a olhar... tão triste! E eu bem queria
atirar-lhe um beijito ao menos, mas então
a rede da janella era das finas!

BERTHA

Era?!

Pausa.

De arame?

ANGELO

Sim de arame.

BERTHA, *apontando a sorrir, a gaiola*

Estavas como aquelle
tambem n'uma gaiola... A mãe Marietta d'elle
tambem não, sae... d'ali....

Na penultima palavra hesita, empallidece e chora, sendo a ultima palavra já afogada no pranto.

ANGELO, *dominado do mesmo remorso*

É horrivel?

Choram.

BERTHA

Uma fera
Um monstro de crueldade
é o que tu és!... e eu tambem!

Pois não somos?...

Chora.

ANGELO, *chorando*

É verdade.

BERTHA

Vamos a ver como se hade
entregar o filho á mãe...

ANGELO

É facil. Depressa, vamos

Correm á arvore onde está a gaiola, e Angelo sobe.

Dou-te a gaiola...

Sobe.

Depois
dás-me o ninho.

Sobe.

É n'estes ramos

BERTHA

De que ramo é que o tirámos?

ANGELO

Foi d'aqui, d'entre estes dois.

BERTHA, *erguendo os braços para segurar a gaiola*

Coitadinha! O que ella voa!
Foi muito, muito mal feito,
Ó mãe Marietta, perdôa...

ANGELO, *dando-lhe a gaiola*

Não pegues assim á tôa...
Ahi vae... segura com geito.

BERTHA

Cá está.

Senta-se no chão.

Pobre innocentinho!

ANGELO

Agora ao tirar, vê bem...
vê lá s'esmagas o ninho.

BERTHA

Não esmago, não. Coitadinho!
Olha o que anda afflicta a mãe!
Descança que Deus protege-o;
não lhe quer destino adverso.
Ao menos a ti, perverso,
ninguem te poz no collegio
como este ainda no berço...
Prompto... Ahi tens. Segura

ANGELO

Espera...

Procurando melhor geito.

Assim... Agora.

Agarra o ninho.

BERTHA

Vê lá
se o seguras bem.

ANGELO

Podéra.

BERTHA

Sabes o ramo qual era?

ANGELO, *collocando o ninho*

Perfeitamente. Cá está.

SCENA XIII

BERTHA, ANGELO *e* MONSENHOR

MONSENHOR

Ah! sò bregeiro! Anda aos ninhos!...

ANGELO

Não, monsenhor. Já lhe conto.

BERTHA

É o contrario.

MONSENHOR

Aos passarinhos
não se faz mal, coitadinhos!

BERTHA, *vendo o que* ANGELO *faz*

Exactamente... Está prompto?

ANGELO

Promptissimo.

Começa a descer.

MONSENHOR

Tem cuidado.

BERTHA

Isso sim. Este é dos meus;
Um rapaz desenganado.

Angelo cáe da arvore, Bertha corre a elle.

Ai! Jesus, Jesus, meu Deus!

MONSENHOR, *correndo a elle*

Jesus, Senhor... Desgraçado!

ANGELO, *sacudindo o pó*

Não é nada... foi a pressa.

MONSENHOR

Déste uma grande pancada.

BERTHA

Tens a testa ensanguentada!
Bateste com a cabeça!

ANGELO

Foi de raspão, não é nada.

MONSENHOR

Se tivessemos arnica...

BERTHA

Eu vou buscal-a.

Corre a casa de Marietta.

ANGELO

Porei,
mas creiam, não me aleijei...

Grita a Bertha.

Sabes? Está na botica
da mãe Marietta...

BERTHA

Bem sei.

Sáe e volta logo.

MONSENHOR, *amparando-o*

Vem cá, vem cá, meu creança
e senta-te um bocadinho.

ANGELO, *pelo braço de* MONSENHOR
e olhando para a arvore

E a pintasilga é tão mansa,
que lá foi já para o ninho!

MONSENHOR, *sentando-o no banco da cabana*

Vamos, senta-te e descança.

BERTHA, *com um lenço prompto para o atar*

Já trago o lenço embebido.

MONSENHOR

Ata aqui, na testa... Assim.

ANGELO

Bom, que mais querem de mim?

MONSENHOR

São más quedas.

ANGELO

Não duvido,
mas o que é que eu tenho emfim?

BERTHA

Francamente, francamente,
não mintas, não sentes nada?

MONSENHOR

Não, Angelo nunca mente.

ANGELO

Pois bem, sinto unicamente
a cabeça atordoada
assim... como se tivesse
somno...

MONSENHOR

Pois dorme um instante.

BERTHA

Dez minutos é bastante.

ANGELO, *zombando a fingir-se doente, fallando a custo*

Terrivel... symptoma! Vê-se...
que hoje... não dormi...

MONSENHOR

Tratante...

BERTHA

Silencio! Durma.

ANGELO

Obedeço.

BERTHA

Eu acordo-te depois.
Afasta-se com o tio.
Este pequeno é um travêsso!...

ANGELO, *só, com somno*

E o melhor... é que adormeço...

MONSENHOR

Muito bem, fiquem os dois...

A Angelo.
Não sáias, ouves?

BERTHA

Qual, sáe?!

MONSENHOR

É muito boa senhora,
mas ha bons tres quartos d'hora
que me não larga teu pae!

BERTHA

A tia?

MONSENHOR

Que massadora!
Ahi vem Carlos...

CARLOS

Boa tarde.
Adeus, Bertha, como estás?
Caro tio.
Beija a mão do Monsenhor.

MONSENHOR

Meu rapaz,
Deus Nosso Senhor te guarde.
Sáe.

SCENA XIV

BERTHA, CARLOS *e* ANGELO *dormindo*

BERTHA

Então, meu senhor! que faz?

CARLOS

Saberás que o funileiro
deu-me só mil e seiscentas
lanternas!... Falta um milheiro!...

BERTHA

Mas póde por mais dinheiro...

CARLOS

Não póde. Quebrei-lhe as ventas.
Mandei-as vir de Lisboa.
Escrevi ao deputado.

BERTHA

O que sabe elle, coitado,
de lanternas?...

CARLOS

Essa é boa!...

Apagador encartado!...
Um verdadeiro tormento!
Mas tambem, tambem que festa!
Eu creio que o meu talento
minha vocação é esta
—Festeiro!

BERTHA

Sim, mas se ha vento
que apague a illuminação!...

CARLOS

O vento á noitinha cáe.
Festa d'inauguração
e dos annos de teu pae!
Assevero-te que não.
Á festa não vem ninguem
sem que

Batendo no peito.

o director consinta.
Nem uma aragem cá vem.
Se vier, não passa áquem
da portaria da quinta!
Ámanhã por esta hora
Ai! verás! Um céu aberto!

Descantes e danças... Ora,
não viste Jorge?

BERTHA

Inda agora
d'aqui saíu.

CARLOS

Foi de certo
para as obras.

BERTHA

É provavel.

CARLOS, *apressado*

Adeus.

Sáe.

BERTHA

Adeus.

SCENA XV

BERTHA *e* ANGELO

BERTHA, *contemplando* ANGELO

O maldito!
Como dorme! é pouco amavel!...

Admira-o.

Galante! Oh! isso!... adoravel!
E um cabello tão bonito!...

Passa-lhe a mão pelo cabello, e muito natural e muito docemente curva-se e beija-lhe o cabello... Ergue-se primeiro surprehendida, denunciando depois uma commoção crescente, como se um novo horisonte se lhe abrisse na alma ao mesmo tempo deslumbrada e cheia de espanto e vago susto. Instinctivamente afasta-se como com medo e resentimento.

Que é isto?! Oh! meu Deus, piedade!
Mas porque estranho segredo
perde elle a sua bondade
a dormir?! Porque, é verdade!
fez-me mal e agora... é medo!..
Já não gosto d'elle! é horrivel!
Tenho-lhe até raiva agora...

Chorando.

Estupido!

Chora.

SCENA XVI

BERTHA, ANGELO *a dormir*, e MONSENHOR

MONSENHOR, *entra e vae sentar-se preoccupado*

É massadora!
Até parece impossivel!...

Coitado! Ha mais de uma hora!
Safa! Uma estopada enorme!
Ó Bertha?

Pausa.

Bertha?

Pausa.

Ó pequena?

Ella volta-se só á terceira chamada.

Que é feito de Angelo?

BERTHA, *apontando sem olhar*

Dorme...

MONSENHOR

Dizes-me isso assim... Tens pena
porque elle durma?!

BERTHA

É conforme.

MONSENHOR, *áparte*

Aqui houve novidade!...

Alto.

Ah! Tu tens seja o que for...

BERTHA

Que hei de eu ter?

MONSENHOR

Diga a verdade.

BERTHA, *com gesto de quem tem uma ideia*

Ó tio? faz-me um favor?

Passa por detraz d'elle, e deita-lhe os mãos aos hombros.

MONSENHOR

Se é só da minha vontade...

BERTHA

Deite-se um pouco...

MONSENHOR, *espantado*

Ora essa!

BERTHA, *querendo tombal-o*

Deite. Eu sou tão sua amiga...
Faça-me isto.

Começa a tombal-o com effeito.

MONSENHOR, *rindo*

Ó rapariga,
tu não estás bem da cabeça.

BERTHA, *pondo no banco uma giga*

Por almofada esta giga...

MONSENHOR

Então não querem ver isto?
Deita-se.
Que mais ordena vossencia?...

BERTHA, *fechando-lhe os olhos*

Durma.

MONSENHOR

A isso é que eu resisto;
não tenho somno.

BERTHA

Está visto.
Mas finja, tenha paciencia.

MONSENHOR

Isso sim, n'este maldito,
n'este atrocissimo banco.

BERTHA, *repetindo com elle a scena passada*

Bonito! É muito bonito
o seu cabellinho branco!
Beija-o, espera o effeito e despeitada.
Não sinto!
Segundo beijo.
Nada! É exquisito!

MONSENHOR, *ergue-se em meio a vêl-a*

Que diacho tem a pequena?!
Ó filha, tu não estás boa!...

Para beijar-me a melena,
bem vês não valia a pena
pedir-me...

BERTHA

O tio perdôa,
não é verdade?

MONSENHOR

Comtanto
que me contes o segredo.
Vamos, não te quero eu tanto?
Não tens confiança em mim?

BERTHA

Credo!
Quem não confia n'um santo?
O que eu tenho é um certo medo.
Mas digo...

MONSENHOR

E vamos andando
a ver se achâmos teu pae,
Ha tres horas que aqui ando
sem elle! Ora dize.

Começam a subir lentamente.

BERTHA, *hesitando*

Quando
elle agora...

Pausa.

MONSENHOR

E então?

BERTHA

Lá vae.
Melhor é assim de repente.
Olhe tio, eu estava a vêl-o;
depois distrahidamente
passei-lhe assim como um pente
os dedos pelo cabello...

Param.

e não sei porquê... beijei-o...

MONSENHOR, *voltam descendo*

E depois?

BERTHA

Depois mais nada!
Deu-me então isto...

MONSENHOR

Coitada!

BERTHA

Triste!... afflicta!...

MONSENHOR

Um certo enleio..

BERTHA

Muito, muito incommodada...

MONSENHOR, *sorrindo*

E quizeste ver se um beijo
no meu cabello!...

Reprime o riso.

E que tal?

BERTHA

Era sim o meu desejo
ver se tambem... Mas já vejo...

MONSENHOR, *affectando admiração*

Não sentiste o mesmo!?

BERTHA

Qual!...

MONSENHOR

Olha que é muito exquisito!

BERTHA, *muito queixosa*

Vê, já não é meu amigo...

MONSENHOR, *logo afflicto*

Não digas tal...

BERTHA

Não; repito
s'inda fosse estava afflicto
e até chorava commigo,
não se ria quando eu choro...

MONSENHOR, *cada vez mais afflicto*

Ora escuta, filha...

BERTHA

É assim!
Nem sequer me ensina emfim
o que é isto que eu ignoro,
o que é que eu sinto...

MONSENHOR

Pois sim—

Queres pois que te defina
o que sentes? É o romper
de uma estrella diamantina
por entre a nevoa azulina
do teu casto amanhecer.

Olha; imagina a tu'alma
um lago de agua a mais pura.
Emquanto a noite era escura,
a doce miragem calma
via-la tu por ventura?

Mas rompe a luz da consciencia
que te afaga e a cada afago
te vae dando transparencia
á nevoa azul da innocencia;
e em toda a borda do lago

tu vês então debruçada
muita flor que da penumbra
vae surgindo perfumada
ao clarão da madrugada
a teus olhos e os deslumbra.

Se uma d'ellas beija o lago
ao inclinar-se, parece
que todo o lago estremece
áquelle innocente afago

Sorrindo.

e que chora... e que padece...

E diz então:—«Quem me ensina
o nome da minha dor?»—

BERTHA

E como se chama a flor
que n'este instante s'inclina
sobre o meu lago?

MONSENHOR

Pudor!

Beija-a.

Nem ha flor mais rescendente
no jardim de uma mulher,
nem mais bella, pódes crer!

BERTHA, *absorta*

Muita coisa tem a gente
cá por dentro sem saber!

ACTO TERCEIRO

A mesma scena do segundo acto

SCENA PRIMEIRA

ANGELO, *e logo* BARÃO *e* LOBO AGIOTA

ANGELO, *acordando*

Quê?! Sosinho! Onde foi ella?...

Lembrando-se.

Um trambolhão de respeito!

Sacudamos a farpella...

Ouve vozes e espreita.

Diabo! O barão da Cella
que vem com outro sujeito...

Vae para sair, estaca ás primeiras palavras que ouve, e esconde-se onde estava.

BARÃO, *entrando com o agiota*

A filha da baroneza
e as duas filhas do conde;
das tres uma com certeza
ha de caír... Na riqueza
são iguaes.

AGIOTA

Quem me responde
não só pelo casamento
mas pelo praso?... Imagino...
Nada, é hoje o vencimento,
quero o dinheiro.

BARÃO

Oh! menino!...
Dou-lhe mais trinta por cento;
sobre tres contos, é peste?

AGIOTA

Eu prefiro o capital.

BARÃO

Tambem eu. Mas que homem este!
Você não vê que faz mal
a si mesmo, homem de Deus?
Qualquer d'ellas traz-me em dote
uns cem contos. Sendo meus,
onde é que, de bote em bote,
vão parar? Ao pé dos seus.
Creio que a este respeito
não ha duvida...

AGIOTA, *abalado*

É verdade.

BARÃO

E em vez de me dar um geito,
vem pôr-me em difficuldade!
É boa! Mas que sujeito!

AGIOTA

Mas em que posso ajudál-o?
Se dependesse de mim...

BARÃO

Póde; póde e muito. Emfim,
em dinheiro já não fallo...
Sondando.
com outro emprestimo...

AGIOTA, *como quem diz—é escusado*

Sim...

SCENA II

Os mesmos, *e* BERTHA, *á janella da casa para espreitar* ANGELO

BARÃO

Mas... por exemplo, n'um plano.
Se virmos uma isolada...
Bertha... é muito mal creada

ANGELO, *aparte*

Patife!

BARÃO

E, se não me engano,
a Thereza anda embeiçada
com o melro do engenheiro;
um typo muito antipathico...

ANGELO, *aparte*

Vou-lhe ás ventas...

BERTHA, *aparte*

Embusteiro...

BARÃO

Podem vir a ter dinheiro
mas por ora é problematico.
Prefiro pois a Lucilla
que tem já muito pataco
e é sobre ella que hoje saco
á vista.

ANGELO, *aparte*

Vou prevenil-a.

BARÃO

Depois, conheço-lhe o fraco.
Uma ambição desmedida
de dinheiro e de grandeza
só para ter a certeza
de supplantar toda a vida
as duas, Bertha e Thereza!

Tem-lhes um odio infernal,
principalmente á mais velha.

Rindo.

Odio e ciume. É rival...

AGIOTA

O engenheiro?...

BARÃO

Não faz mal;
Eu curo-a d'aquella telha.
O meu plano é que ella possa
escutar-nos conversando
em contos, quantia grossa,
mil, dois mil, de quando em quando,
por toda a conversa nossa.
O senhor é o meu banqueiro,
e eu um segundo Rotchild,
que não mostro o meu dinheiro,
sem ter casado primeiro
sob esta apparencia humilde...

AGIOTA

Percebo.

BARÃO

Que lhe parece?

AGIOTA, *continuando*

Para que a noiva não seja
movida pelo interesse.
Ri approvando.

BARÃO

Justo. Sou nobre...

ANGELO, *áparte*

Isso vê-se.

BARÃO

É tudo o que ella deseja.
Vem gente.
Olha.
O garoto. Vamos.

Fagulha entra de mãos nos bolsos, ou a comer, vê o ninho dos passaros na arvore, e vae subir á arvore.

Mãos á obra e *bonne chance.*
Deus a traga ao nosso alcance.
Veja-a eu por entre os ramos
e quanto ao resto, descance...
Sáem.

SCENA III

FAGULHA, ANGELO *e logo* BERTHA

ANGELO, *saindo da cabana*

Que patife!... Ah! se o não racho...
Chama baixo.
Bom. Ó Fagulha? Ó Fagulha?

FAGULHA, *alegre, correndo*

O menino!

ANGELO

Falla baixo,
meu bruto; não faças bulha.
Não viste a menina?

FAGULHA

Eu acho
que hade estar lá para a mina.

BERTHA, *correndo*

Angelo?

FAGULHA

Olhe, ahi vem ella.

ANGELO

Não sabes, Bertha? imagina...

BERTHA

Sei tudo. Ouvi da janella
ali detraz da cortina.

ANGELO

E agora? É bom prevenil-a...

BERTHA

Defender essa traidora!
Pois não ouviste inda agora?

A Fagulha.

Viste a menina Lucilla
lá nas obras?

FAGULHA

Não, senhora.

BERTHA, *a* ANGELO

Então vae tu por um lado
e eu por outro. O que a topar

conta apenas um bocado
do que ouviu, assim com ar
de assombro, maravilhado
com tanta e tanta riqueza,
e diz que vae n'um momento
contar o caso á Thereza,
que de certo não despreza
tão soberbo casamento.

ANGELO

Já percebo a tua idéa.
Castigada e é bem que o seja
pela sua propria inveja
e odio com que vos odeia.

BERTHA

E dá-se-lhe o que deseja.
Bem, vamos. Vem cá, Fagulha.

Fagulha segue-a.

Tu ficas ali á espera.

Indica a cabana.

FAGULHA

Da raposa?

ANGELO, *rindo*

E da panthera.

BERTHA

Cuidado, não faças bulha
e álerta sempre...

FAGULHA

Ai! Pudera!

BERTHA

E vendo o barão da Cella
com a menina Lucilla
não te mechas, hein? Cautela...
A conversa d'elle e d'ella
faze muito por ouvil-a
que hei de ao depois perguntar-t'a...

FAGULHA

Sim, fidalga; vosselencia
quita de pôr mais na carta...

BERTHA

Bem, bem; cuidado e prudencia...
Vamos.

Bertha e Angelo sobem, param, combinam rapidamente e sáem.

SCENA IV

FAGULHA, *só*

Pega n'um pedra.

Um raio me parta
se eu não rachava a cabeça
com esta pedra ao barão
e, ainda que mal pareça,
á outra tambem... Ai! não!
Aquillo então que é uma peça!...

Assobia.

Percebi tudo.—Esses raios
andam-me ahi com aquellas...
Nem trinta barões das Cellas...
Mas deixae-os vir, deixae-os...
Leva-lhe o diabo as costellas,
se me entram com arrelias
contra as fidalgas, e mais
contra os patrões. Ah! cuidaes
que se acaba em trinta dias
a pedra n'esses quintaes?

Vê Lucilla.

Lá vem o raio!...

Foge para a cabana.

SCENA V

FAGULHA *e* LUCILLA

Fagulha na cabana. Lucilla entra e atravessa para ver se alguem a espreita

LUCILLA, *vendo que não está ninguem*

Bom; já foram todos.
Fallaram-se de certo... Está radiante,
feliz, Thereza!

FAGULHA, *áparte*

Aquillo é pelos modos
palavreado para o tal meliante!

LUCILLA

Como eu odeio aquella creatura!
E guarda-se de mim, a tola! idiota!
Queres luctar commigo na finura?...
Vibora, olha o tacão da minha bota...
Contou-te já talvez o miseravel,
que me cuspiu aqui o seu desdem,

este odio apaixonado, insaciavel,
emquanto eu tiver vida e tu tambem.
Talvez te perdoasse a estirpe e o nome
minha fidalga, ao ser tambem feliz...
mas dei-lhe o meu amor e desprezou-me!
nem para amante o barbaro me quiz.
O golpe foi mortal, mas sou d'aquellas
que morrem, sim, mas vingam-se primeiro.

FAGULHA, *áparte*

Esta alma do diabo sécca as guellas
a pregar para ali!

LUCILLA

Bravo engenheiro,
para acclamar-te em côro, a multidão
só espera... o tiro! A festa é de appetite...
Mas tambem tenho a minha dynamite,
que ha de estourar-te em pleno coração.

Tira as chaves.

Eis a chave...

Sobe e olha.

Ninguem...

Sáe para a casa.

SCENA VI

FAGULHA, *só, e pouco depois* LUCILLA
saindo da porta de casa

FAGULHA

Raios te partam!
Onde vae ella? A casa está deserta!

Procura vêr.

Não a vejo!... E os meninos que se fartam
de a procurar na mata?...

Foge para a cabana.

Álerta! Álerta!...
sô Rodrigo Fagulha... A minha mágua
é se o barão não chega... Lá vem ella...
Aquillo foi lá dentro beber agua;
foi do sermão, seccou-se-lhe a guella!

Lucilla entra com um pacote de documentos e a copia do registo da mina; dirige-se ao banco da cabana. Fagulha ao vêl-a encaminhar-se para ali, deita-se debaixo do banco. Lucilla senta-se, põe o registo sobre o banco para verificar o pacote sem mesmo o desatar.

LUCILLA

Cá estão; é isto mesmo; eis o enveloppe.
Estão como os deixei. Perfeitamente...

Assustada.

Com a fortuna! E esta!?... Ahi vem gente!

Sae correndo e faz cair no chão o registo que Fagulha agarra e guarda no seio.

FAGULHA, *sáe do banco á pressa*

Ah! sim? Tu vaes a trote, e eu a galope

Corre, estaca e volta.

Espera... e se eu perdia a carta? É boa!
Escondo-a aqui debaixo d'este vaso...

Esconde-a n'um dos do primeiro plano.

Dou-lh'a depois...

Parte a correr, e ao fundo estaca, olhando.

São ellas!... Encontrou-a!...

Rindo.

Meu rico pae do céu! Vae tudo raso!

SCENA VII

FAGULHA e ANGELO

ANGELO, *entrando pelo lado opposto*

Que estás tu a espreitar pela ramada,
maroto? Assim deixaste a sentinella?

FAGULHA

Eu não, senhor...

ANGELO

E então?

FAGULHA

Veiu só ella.
Esteve á espera d'elle um tudo-nada
e abalou...

Rindo.

e vae mesmo dar de rosto
com a menina, vê?...

ANGELO

Sim, sim, lá estão,
Bertha a chamar. Lá vou.

A Fagulha.

Corre ao teu posto,

Ameaça.

senão... senão

Gritando a Bertha.

Ouvi. Já vou...

Parte, correndo.

SCENA VIII

FAGULHA, *só*

Resentido.

«Senão».

Não é mais que —senão.—Tem a mão leve!

Sorrindo.

Pois sim, mas quer-me bem... Só a esperança
d'ir com elles tambem ver essa França!
Vae um homem ver mundo, e o diabo leve
paixões do coração e mais soidades
que são moedeiras d'alma... E adeus, ó vida!
Para a gente ter a alma anoitecida
bonda-lhe a torre ao toque das trindades.

Accende uma ponta de cigarro e canta.

Homem novo deve, deve
como o fumo ser tão leve.
Deve, deve
como o fumo ser tão leve.
Mulher nova quer-se, quer-se
como o sumo d'um alperce.
Quer-se, quer-se
como o sumo d'um alperce.

Atira com o chapéu, enraivecido; com voz de choro.

Com mil demonios! Eu tambem sou gente!
D'aqui a nada largam do trabalho,
lá tudo a ver e eu feito aqui espantalho!
Nada, o tiro hei de eu vêl-o.

Sobe ao fundo e fica a olhar para a esquerda.

SCENA IX

FAGULHA, BERTHA *e* ANGELO

BERTHA

Felizmente
o barão tinha-nos visto
e passa na tal conversa
fingindo não nos ver. N'isto,
não imaginas! Desisto
de te pintar a perversa!
E foi o que nos valeu,
porque, chegado o momento,
nem sei! dá-me o acanhamento
e nem palavra...

ANGELO

Sei eu,
foi um nobre sentimento!

BERTHA

Disse-me ainda em segredo:
«Não digas nada a Thereza»
e escondeu-se no arvoredo,
sabes, ali, na deveza
para ouvir mais perto. Ai! credo!
mas que alma tão pequenina!
Chamei-te então, por finura,
viu-nos partir para a mina...

ANGELO

E lá nos julga.

FAGULHA, *ao fundo*

Ó menina?

Lá está elle!

Ri.

Ai! que figura!

ANGELO, *correndo com* BERTHA, *junto da arvore*

Que não nos veja; cuidado.

FAGULHA, *escondido na arvore*

Lá vem. Agachem-se; o raio
ia-me vendo...

ANGELO, *sorrindo*

És damnado,

Fagulha!

Espreitando.

De braço dado!

BERTHA

É boa! Parece um paio
aquelle homem.

Imita-o, riem.

FAGULHA

Não, senhora,

é como o rôlo da estrada.

Ri.

BERTHA, *olhando*

Ella é que eu não vejo agora!

FAGULHA

Não vê, porque está sentada.
Esperem...

Vae agachado á arvore onde sobe.

ANGELO

Não vejo nada!

BERTHA

Foram-se talvez embora.

FAGULHA, *no primeiro ramo*

Não, senhor; lá estão, menina.

Sobe mais.

BERTHA

Deixa ver...

Sobe ao primeiro ramo.

ANGELO

Olha se cáes.

BERTHA

Lá estão no banco. És ladina,
mas caíste.

FAGULHA

Ella imagina
que é mais finoria que os mais.

BERTHA, *a* ANGELO

Estão de uma animação!

Ri.

ANGELO

Bom é que ambos se convençam.

BERTHA, *muito espantada*

Ai! de joelhos... elle!

ANGELO

E então?

FAGULHA, *rindo muito*

Ferrou-lhe um beijo na mão.

BERTHA, *muito admirada e ingenua*

É certo! Pediu-lhe a benção!
É costume?!
Descendo.

ANGELO

Com certeza.

FAGULHA

Oh! lá vae tudo, lá vae...
Atrapalhado.
A senhora baroneza...

ANGELO, *corre ao ramo onde esteve* BERTHA

Que é?

FAGULHA, *concluindo*

Mais o senhor seu pae!...

ANGELO

É verdade! que surpreza!

FAGULHA

E o monsenhor...

BERTHA, *afflicta*

Meus peccados!

ANGELO, *desce*

Que esta lição a corrija
no que é de ruim...

BERTHA

Mas, coitados!
serem assim apanhados!

FAGULHA

Com a bôca na botija?...
Eu cá digo que é bem feito.

ANGELO, *a* FAGULHA

E que mais fazem?
Pausa.
Responde...

FAGULHA, *fazendo o gesto*

O barão bate no peito
com aquellas de respeito
a fallar ao senhor conde
e ao monsenhor...

BERTHA

E o que faz
ella?

FAGULHA

Está com a senhora
de conversa mais atraz...
Affirma-se muito.
Aquelle raio é capaz
de enganar a mãe agora...

BERTHA

Porque dizes isso?

FAGULHA, *que tem olhado muito attento*

Oh! gente!
Que diria o raio á mãe?

ANGELO

Porquê?

FAGULHA

Porque ella já vem
a rir-se toda contente!

BERTHA

E o senhor conde tambem?

FAGULHA

Os fidalgos vem adiante
ambos...

Afflicto.

Ui! vem para aqui!

Desce rapido.

BERTHA, *corre com* ANGELO *para proximo de casa. Elle fica á porta*

Viste-os vir?

FAGULHA

Então não vi!

BERTHA *a* FAGULHA

Ouve; tu fica um instante
e nós vamos por ali.

Aponta para o lado da casa.

Vês tudo e vaes ter á preza...

ANGELO, *da porta, com medo*

Bertha?

BERTHA, *á porta*

Ouviste? Ao pé da mina.
Vae a correr...

Sáem os dois.

FAGULHA, *ainda para* BERTHA

Com certeza...

SCENA X

FAGULHA *sentado á porta, e logo* CONDE, MONSENHOR, BARONEZA *e pouco depois* BARÃO, LUCILLA *e* AGIOTA *que ficam ao fundo conversando*

FAGULHA, *áparte*

Ai! o senhor, que tristeza!

CONDE, *muito sombrio, para a* BARONEZA

Não se aprende nem se ensina
a verdadeira nobreza,
herda-se e não é sempre. Emfim é lá comsigo.
Até no mesmo dia os dois podem casar
seu filho e sua filha...

Afasta-se um pouco.

BARONEZA

Ai! primo, se o consigo,
eu morro de alegria.

Sobe ao grupo.

MONSENHOR, *aparte*

E eu morro de pezar...

CONDE, *sempre triste, a* FAGULHA, *já de pé e descoberto*

Que fazes tu ahi? Fagulha! Estás de guarda?

FAGULHA

Estou, sim, meu senhor; foi tudo para a mina.

CONDE

Cuidado, meu rapaz, que a tal raposa é fina.

Pensa em Jorge.

No emtanto mal sabe ella a sorte que hoje a aguarda.

FAGULHA, *com interesse e dó*

O fidalgo está mal?... Parece assim doente!

CONDE, *a* MONSENHOR

As creanças, não vês? sabem melhor, que nós
em um simples olhar, um simples tom da voz
ver em nossa alma a dôr mais funda e mais pungente.

Não estou mal, não, menino. Escuta, has de ir depressa
dizer á mãe Marietta, ás obras...

FAGULHA

Nem um galgo
me apanha, meu senhor.

CONDE, *concluindo*

Dizer-lhe, não te esqueça,
que a espero e ao senhor Jorge aqui.

FAGULHA

Eu vou, fidalgo.

Sáe.—Barão, Baroneza, Lucilla e Agiota, depois de conversarem um pouco, sáem.

SCENA XI

CONDE *e* MONSENHOR

MONSENHOR, *ao* CONDE, *receiosamente*

Mais uma prova, Ruy, de que não é verdade.
Se Jorge requestasse a nossa Therezinha,
estando em tua casa, aos oito dias vinha

Aponta a casa.

para a casa do guarda e até contra vontade
tua e de todos nós?

CONDE, *accentuando*

E d'ella.

MONSENHOR

E minha, e tua,
sob o pretexto, emfim, perfeitamente futil
d'estar mais perto aqui das obras?

CONDE

Tudo é inutil,
a prova aqui a tens.

Mostra a carta.

Que venha e que a destrua;
a carta do doutor Bertier seu confidente
e amigo e protector. São elles os primeiros
a proclamal-o honrado: escolha, ou ella mente
ou elles não são mais que uns vis aventureiros.

Sobe ao fundo a ver se vem Jorge.

MONSENHOR, *só, n'um dos bancos*

É possivel, meu Deus? Pois póde ter-se n'alma
tanta perfidia assim? Todos tão bons, tão ternos!

tão simples! Oh! Senhor acalma, tudo, acalma,
vale-nos, Deus do céu.

Scisma.

Só Deus póde valer-nos.

Rezando.

Padre nosso que estaes no céu, profundo, immenso,
tendo a todo o infinito em vosso olhar suspenso.
Santificado seja o vosso nome, ó Deus;
venha a nós vosso reino, o reino ideal dos céus;
Seja feita, Senhor, *vossa vontade, assim*
na terra, humilde pó, *como nos céus* sem fim.
O pão de cada dia, ó Padre, *nos dae hoje,*
perdoae-nos, Senhor, emquanto a paz não foge,
nossa divida assim como por vosso amor
nós perdoâmos tambem ao nosso devedor,

não nos deixeis, Senhor, da vida no certamen
caír em tentação; livrae-nos do mal... amen.

Olha, vê o Conde e lentamente vae a elle ao fundo e sáem os dois depois de começar a seguinte scena.

SCENA XII

BARONEZA, LUCILLA, BARÃO *e* AGIOTA.
Estes só entram depois das senhoras descerem

BARONEZA, *a* LUCILLA

Parece-me inda um sonho! É uma fortuna immensa!

LUCILLA

Mostrar-lhe a mais completa abnegação agora;
que em dinheiro nem eu nem tu, nenhuma pensa,
eis o preciso, ouviste? é isso o que elle adora.

BARONEZA, *sorrindo*

Eu vou até fingir que o considero pobre.

LUCILLA

E vê se apressas tudo; infelizmente Bertha
parece-me que ouviu e fica tu bem certa
é dizermos-lhe adeus se elle, o barão, descobre.

E outra cousa, mamã. Vê lá se o conde sonha
que eu fui quem recebeu a carta, e, por engano
sem ler o sobrescripto, a abri. Tenho vergonha;
não a devia ler e li-a.

BARONEZA

Eu disse ao mano
e ao primo que fui eu; que na correspondencia
de França vinha aquella e que por distracção
a comecei a ler e em minha consciencia
julguei um dever meu... Cuidado, olha o barão...
Então, senhor barão? negocios, só negocios
e a sua noiva aqui!
Sorrindo muito amavel.

BARÃO, *approxima-se com o* AGIOTA

Perdão, minhas senhoras;
Emfim quem não é rico...

BARONEZA, *á filha, rindo*

É boa.

BARÃO, *concluindo*

Algumas horas
deve dar ao trabalho; e as outras para os ocios.

Ri.

O meu maior prazer, minha maior ventura,
seria possuir riquezas e opulencia...
Dois mil contos...

Acotovelando o agiota.

BARONEZA, *á filha*

É a conta.

BARÃO, *continuando*

Ou tres... e que existencia
digna de tanto amor e tanta formosura
eu saberia dar, senhora baroneza,
ao anjo a quem uni desde hoje a minha vida.

LUCILLA

Oh! não me falle em tal. Sou rica e essa riqueza
sobeja para dois...

BARONEZA, *áparte, para o* BARÃO, *muito significativamente*

Só dois?...

BARÃO, *beija-lhe a mão com comico enleio*

Mamã querida...

BARONEZA

Ora bem, vão lá, vão. Conversem; é preciso
que troquem entre os dois as suas confidencias.

LUCILLA

O seu braço, barão?

BARÃO, *offerecendo-lhe o braço, e saindo*

Um sonho, um paraizo...

SCENA XIII

BARONEZA *e* AGIOTA

BARONEZA

E nós vamos tambem... Que quer? As conveniencias...

AGIOTA

Sim, de certo; pois não?

BARONEZA

Meu genro é uma pessoa
encantadora! Emfim, eu sei que não é rico...

AGIOTA

Foi rico, foi, coitado! Em tempos... Eu me explico...
sim, tem a vida um pouco atrapalhada.

BARONEZA, *áparte*

É boa!

Alto, e muito graciosamente.

Pois peço-lhe que diga ao seu amigo, e meu,
que estou ás ordens d'elle...

AGIOTA, *áparte*

Oh! que soberba ideia!

BARONEZA

Sem ordem e trabalho, adeus, negocios; creia.
A fabrica Pharol, dirijo-a eu, só eu!
Tenho amor ao trabalho, e o meu costume é tal
que nem aqui na aldeia eu posso andar sem isto.

Mostra-lhe um livro de cheques.

AGIOTA, *espantado*

Livro de cheques!

Áparte.

Não, meu Deus, não lhe resisto.

Alto.

Isso, minha senhora, é bello, grande, ideal!...
Mas, diziamos nós... Ah! sim, que até faz pena!...
Hoje vim eu aqui por causa de uma letra...
mas que quer? o enxoval, joias... cousas, *et cœtra*...
Pediu-me espera. A somma emfim não é pequena...

BARONEZA, *que tem reprimido o riso*

E de quanto, de quanto?

AGIOTA

A somma...

BARONEZA

Diga: é quanto?

AGIOTA, *ancioso*

É d'uns tres contos...

BARONEZA, *tirando o livro de cheques*

Só?! Meu Deus, que bagatela!
Se eu tivesse...

AGIOTA, *tirando do bolso tinteiro e penna*

Um tinteiro? Eu tenho.

Da-lh'o para escrever.

BARONEZA, *senta-se e escreve sobre o joelho*

Olhe, e entretanto
faz-me o favor? procura a letra?

AGIOTA

Aqui está ella.

Trocam.

BARONEZA

Obrigada.

Guarda a letra.

AGIOTA, *guardando nervoso o cheque*

Fidalga! Um tal procedimento
é magnanimo, é mais! sublime! ainda mais!

BARONEZA, *àparte*

Faz bem o seu papel!

Alto.

São cousas naturaes!
Nem dei motivo algum a tanto comprimento
Meu genro tem de honrar um compromisso antigo
não tem meios, coitado!

Rindo, àparte.

Eu perco-me de riso.

Alto.

Não era o meu dever?

SCENA XIV

Os mesmos, BARÃO *e* LUCILLA

BARÃO, *a* LUCILLA, *atravessando ao fundo*

Um sonho, um paraizo!

LUCILLA, *ao fundo*

Então não vens, mamã?
Sáem os dois.

BARONEZA

Sim, filha, já te sigo.

Ao agiota,
Não quer acompanhar?

AGIOTA

Pois não, minha senhora...

BARONEZA, *áparte*

Bom banqueiro será, mas triste diplomata!
Alto.
Dá-me o seu braço?

AGIOTA

Que honra!

BARONEZA

Estou-lhe muito grata.

Sáem os dois.

SCENA XV

CONDE, MONSENHOR, *pouco depois* JORGE, *e em seguida* MARIETTA *e* THEREZA

CONDE, *entra conversando com* MONSENHOR

Pois já não vem sem tempo. Ha mais de um quarto de hora...

MONSENHOR

Oh! sê prudente, Ruy, supplico-te...

CONDE

Descança.

MONSENHOR

Pódes, sem ser cruel, ser justo... inexoravel.
Lembre-te que és um velho e que elle é uma creança.

CONDE

E que a minha alma é nobre e a d'elle... miseravel!

JORGE, *entra apressado e cançado*

Eu peço-lhes perdão por uma tal demora.
Tinha entrado na mina a fim d'ir pôr o fogo

á mecha e apenas tive o aviso, corri logo,
mas temos tempo d'ir. Calcúlo meia hora
que ha de levar a arder para chegar ao tiro...

CONDE

Engana-se, vae ver... Os calculos que fez
Entram Marietta e Thereza.
mau grado seu, bem sei, falharam d'esta vez.

JORGE, *espantado*

Não poderei saber...

CONDE

A quaes eu me refiro?

JORGE

certo, senhor conde.

MARIETTA, *afflictissima, indo a* MONSENHOR

Oh! monsenhor, que é isto?

THEREZA, *aterrada, ao pae*

O que é que tens, meu pae?

CONDE

És tu? Fizeste bem.

Vens com a mãe Marietta...
Ironico.
Uma excellente mãe.

JORGE

Senhor conde?!...

THEREZA

Oh! meu Deus!

MONSENHOR, *só, ao* CONDE

Pelas chagas de Christo!...

CONDE

Ha de ir longe, senhor! Tão novo e tão...

MONSENHOR, *implorando*

Prudencia.

CONDE

Tão audacioso! É grande, é habil em verdade
o seu plano!...

JORGE

Senhor! Peço a vossa excellencia...

CONDE, *atalhando*

Pequenas cousas são a honra e a lealdade
devida a uma familia honesta, onde a franqueza

se allia á boa fé propria dos bons. Portanto
mãos á obra — eis o plano — «Apenas por encanto
lhes restituir os bens perdidos da riqueza,
e o fausto de outro tempo e os gosos e o prestigio,
o que hão de aquellas mãos leaes e agradecidas
em paga dar-me a mim, o heroe de um tal prodigio?»
Enganou-se ao contar com mais que as nossas vidas.
Porque até com a vida usâmos pagar dividas

Ameaçador.

e exigil-as tambem, nós os da minha raça,
se é preciso, a sorrir beijando as faces lividas
do espectro da miseria e as negras da desgraça.
Muito tinha a esperar, é n'isso exacto o plano,
muito tinha a esperar de corações leaes,
nossas vidas até, mas... eis o seu engano,
se as vidas era pouco, os brios... é demais.

JORGE, *sem comprehender*

Nem é muito o que eu fiz, nem eu lhe pedi preço,
senhor conde.

CONDE

Bem sei. Conheço o plano inteiro,
falta ainda o triumpho enorme do engenheiro.
Deve ser ámanhã, já vê se o não conheço.

Quando a agua a espàdanar nos ultimos açudes
casar o seu fragor aos echos demorados
d'essas vozes do campo em seus cantares rudes
e aos gritos festivaes dos velhos assombrados;
quando o povo correr de toda a redondeza
a erguer ao ar o heroe d'aquella maravilha,
então vir-me-ha dizer:—Senhor, eis a riqueza,
não m'a podeis pagar, penhoro-vos a filha...

JORGE, *no extremo da surpreza*

Senhor conde! O que diz, senhor?!

MARIETTA, *indo para o lado do filho*

Oh! que desgraça
Meu Deus!

THEREZA

Jesus do céo! Tio...

Falla vivamente a Monsenhor.

MONSENHOR, *a* THEREZA

Deus nos defenda...

CONDE

Por Deus que se enganou, mulher da nossa raça
se ha quem pague, não ha, louvado Deus, quem venda.

MONSENHOR, *a* THEREZA

Bem sabes que é peior tolhel-o. Tem coragem...

CONDE

Para tudo prever, porque é completo o plano!
«Podem-me achar plebeu... É facil um engano;
faço-me conde e nobre!» — e então de que linhagem!

JORGE, *fulminado, a* MARIETTA

Que quer elle dizer?

MARIETTA, *a Deus*

Senhor! Senhor! que lance!

CONDE

«É facil, sei-lhe a historia... o morto não reclama
«e dá-me um bello ar galante de romance...
«Qual a pequena ingenua e simples que o não ama?»
Não é assim, minha filha?

THEREZA

Oh! meu querido pae,
accusal-o; consente ao menos a defeza.

CONDE

Ha provas ante as quaes toda a defeza cáe.
Falsifica-se um nome, um titulo; a nobreza
de um sangue illustre, não; essa não póde ser,
por mais que seja grande a audacia da vontade
e grande a intelligencia.

Ironico.

É assim, não é verdade,
senhor conde?

THEREZA

Elle conde!

CONDE, *fidalguissimo na ironia — apresentação*

O conde de Sever!!
um conde como nós!!

Grandioso.

Pois bem, conde, rejeito...
recuso essa riqueza. É sua. O monsenhor
será seu socio, eu não.

MONSENHOR

Tambem a não acceito
senão comtigo, Ruy, mas ouve-o por favor.

JORGE, *frio e nobre*

Trocâmos os papeis. Dês que vossa excellencia
foi tão... Como direi?... precipitado, emfim,
como um rapaz fogoso, é claro que a prudencia
e a cordura de um velho, essas cabem-me a mim.
Em tudo quanto disse ha um ponto que é verdade,
senhor conde, só um. O resto, alem de vil,
é falso até não mais. Comtudo, a ninguem ha de
causar o menor mal, de tanto que é pueril.

CONDE

Pueril, disse?!

JORGE

Perdão. Vossencia tem de ouvir-me.
Se tanta infamia fiz para alcançar um fim
Respeitosissimo, curvando-se para Thereza.
que eu nem ouso mirar...
Energico.
Repare agora em mim,
para ver que não tremo e a minha voz é firme—
Senhor conde, imagine a possibilidade
d'este fatal dilemma:—A morte ou o casamento
com sua nobre filha...

THEREZA, *áparte, rapido*

Oh! Deus do céu, piedade!

CONDE, *sorrindo escarnecedor*

Preferia morrer, é claro...

JORGE, *indo a* MONSENHOR

Um juramento
assim nas mãos de um santo, ha de ir direito a Deus

Quer pôr um joelho em terra, com a mão na mão do padre.

MONSENHOR, *impedindo-o*

Não, peço-lhe, não jure...

CONDE

E Deus que o não fulmina!

MARIETTA, *a* MONSENHOR

Mas jurando a verdade!

CONDE

E os juramentos seus
que valem para mim?

JORGE

O que?! Pois imagina...

CONDE, *atalhando, indignado*

Imagino que agora é inutil a insistencia.
Falhou-lhe o desenlace, acabe-se a comedia.
Se a sua força é grande, a minha força excede-a,
que a minha vem da honra, e a sua da impudencia —

JORGE, *indignado e altivo, indo a elle*

Basta, senhor!

MARIETTA, *prendendo* JORGE *pelo braço*

Meu filho!

THEREZA, *detendo o pae pelo braço*

Oh! meu pae!

MONSENHOR, *convulsivo, descendo, dominando todos*

Ruy, cuidado!

MARIETTA, *ao filho*

Pae d'ella...

JORGE, *perdido de raiva, á mãe*

D'ella...

MONSENHOR, *continuando imperioso*

E já... Pede-lhes já perdão...

CONDE, *ainda allucinado*

Eu, velho tonto?!

MONSENHOR, *dominando-o*

Já; fidalgo deshonrado
és tu que aos pés calcaste a honrada tradição
de tantas gerações. Tu, que na tua casa
foste o primeiro

Assombrado.

ouviste? a maltratar vilmente
o teu hospede, Ruy!... Primeiro, então, arraza
ou quebra o teu brazão. Que o sol que o viu no Oriente
ha seculos, não veja a lama que lhe lança
a sacrilega mão de um velho arrebatado,
que insulta uma mulher e insulta uma creança
que Deus trouxe ao seu lar...

Para os dois, curvando-se.

Perdôem-lhe...

CONDE, *commovido, com voz surda e apertando-lhe a mão*

Obrigado!
Sim!... Peço-lhes perdão... Desculpem-me... Esqueci-me
de que por ora são meus hospedes ainda.

JORGE

Partimos ámanhã... Minha missão é finda.
Não duvido aggravar o meu supposto crime...
e—em nome de meu pae...

CONDE, *dominando-se a custo*

Faz-me a restituição
do que me fez perder... Conheço...
Sorri sarcasticamente.

MONSENHOR, *a* THEREZA, *ouvindo* JORGE

Desgraçado!..

JORGE, *com muita tristeza*

Tambem o monsenhor de mim duvida.

THEREZA, *áparte, apaixonadamente*

Eu não.

JORGE, *resignado*

Mãe Marietta, bem vês; é inutil, é escusado
luctar mais. Tem paciencia e traze um documento,
qual quizeres: talvez a carta de meu pae...
Ella parte.
Ah! sim; traze tambem o auto do casamento.

MARIETTA

Trago tudo, é melhor...
Sáe.

JORGE

Pois sim; depressa vae.

SCENA XVI

Os MESMOS *e* MINEIRO *e menos* MARIETTA

MINEIRO, *entrando, a Jorge*

Ó senhor... Com perdão ali de sua exc'lencia...
senhor Jorge, depressa... o aviso derradeiro
da mecha já estourou...

JORGE

Sim, vae... Toda a prudencia.

MINEIRO

E o tiro ha de estourar na ausencia do engenheiro!

JORGE

Vae indo, que eu já vou.

MINEIRO

Não tarde...

JORGE

Sim, vae, vae...

Sáe o mineiro.

SCENA XVII

Os MESMOS, *menos* MINEIRO, *e* MARIETTA

CONDE, *a* MONSENHOR

Se os tiverem verás que são falsificados.

MARIETTA, *consternada*

Jorge, Jorge...

JORGE, *assustado, indo a ella*

O que tens?

MARIETTA

Roubados! sim, roubados!

JORGE

Os documentos?!

MARIETTA

Tudo!

JORGE, *na maior anciedade*

E a carta de meu pae?..

MARIETTA

Tudo, meu filho, tudo: até mesmo o registo
que me déste inda agora... ai! que desgraça a nossa!

JORGE

Não te afflijas! Não é cousa que se não possa
facilmente supprir. São copias e foi n'isto
que o ladrão não pensou. Repetem-se.

MARIETTA

É verdade...
mas... se teu pae...

Hesita um pouco.

casou na America...

JORGE

Paciencia.
Questão de tempo... A carta... Oh! essa é crueldade
roubarem-m'a!

Chora, abraçado á mãe.

THEREZA, *mostrando aquelle quadro*

Meu pae, na tua consciencia
não duvidas.

CONDE, *severo*

E tu?

THEREZA

Eu nunca duvidei.

CONDE

Diz-lhe isso o coração? Tem muita perspicacia
no coração, Thereza! e ainda mais—audacia.

THEREZA, *muito resentida*

Perdôa-me, senhor. Não sei mentir.

CONDE

Eu sei?!

THEREZA

Duvidas!

CONDE

Vamos ver.

A Jorge.

Senhor, ao que parece
não póde apresentar as suas provas...

JORGE, *tristemente*

Não,
senhor conde, não posso agora...

CONDE

Pois então
vamos ás minhas. Diz que é falso que tivesse
pensado... em minha filha...

JORGE

Oh! creia, senhor conde.

CONDE, *atalhando*

Responda, minha filha; é sim ou não verdade
que...
Custando-lhe a dizer.
ama aquelle senhor?

THEREZA, *respeitosa, mas indignada*

Meu pae... senhor, piedade,
sou tua filha, sim, mas sou mulher...

CONDE, *imperioso*

Responde...

THEREZA

É verdade... senhor.

CONDE, *a* JORGE, *reprimindo a colera*

Então, que lhe parece?

JORGE, *áparte*

Deus! tambem para mim podia haver ventura.

THEREZA, *com certa energia*

Foste cruel, meu pae! Se a filha te obedece,
revolta-se a mulher...
Soluçando nervosa.

JORGE, *áparte*

Divina creatura!..

THEREZA, *continuando*

Elle ignorava tudo.

CONDE, *dando a carta a* MARIETTA

Ahi tem, minha senhora,
outra prova, a melhor. Conhece a letra, não?

MARIETTA, *muito espantada*

É do doutor Bertier!

CONDE

Não li, nem leio agora;
menos escrupuloso alguem, a cuja mão
foi ter a carta, o fez.

MARIETTA, *vendo*

É a sua assignatura,
sua letra

Sobresaltada.

Oh! meu Deus! Que é isto?

Lendo alto.

*«Abandonae
um tal plano, sois mãe, lembrae-vos da amargura
a que ides condemnar o velho conde, o pae...»*

JORGE, *anciosamente, affirmando-se*

É letra d'elle!...

MARIETTA, *assombrada*

Sim... Meu Deus... Eu endoudeço...

JORGE, *tomando a carta e abrindo-a vê a segunda pagina para ver a assignatura e ahi mesmo lê*

É a assignatura!.. Espera...

Lendo.

«e chega a ser um crime

que n'esse *guet-apens* seja qual for o preço
abandoneis, madame, o titulo sublime
de verdadeira mãe... por esse de adoptiva...»

MARIETTA, *um momento paralysada,*
tira-lhe arrebatadamente a carta

Por Deus! Não leias mais, por Deus, Jorge!...

SCENA XVIII

Os MESMOS, ANGELO *e* BERTHA,
que ao entrarem param assombrados

JORGE, *sem comprehender*

Que é isto?

MARIETTA, *desvairada de terror*

Não quero, ouviste bem? Não quero, emquanto eu viva.
Oh! senhor conde, não; pelas chagas de Christo
ah! não lhes diga nada; a carta, senhor conde,
é falsa.
A Jorge.
É falsa, Jorge, e tu bem o conheces...

JORGE

Não te affligas...

CONDE

Senhor, e a isto que responde?
Como devo explicar tão angustiosas preces?..
Tem um vergonha do outro?.. E qual dos dois a tem?

MARIETTA, *ao ouvir a falla seguinte cáe sobre o banco*

Oh! não diga, senhor... meu bom senhor pedi-lh'o...

CONDE

Posso eu crer que seu filho ignore que é seu filho
e que a mãe adoptiva é verdadeira mãe?!

JORGE, *assombrado e louco de ventura*

Minha mãe, tu?!

ANGELO, *correndo a ella*

Marietta! a nossa mãe!

JORGE

Oh! falla!
Não é um sonho, dize?

ANGELO, *abraça-a e beija o irmão*

Oh! Jorge, Jorge, vês?

Tambem nós temos mãe e temos de outra vez
recomeçar de infancia, ó Jorge, a idolatrál-a...
Depressa, minha mãe, o teu primeiro beijo...

MARIETTA, *que caira succumbida, pouco a pouco com as caricias dos filhos vae recobrando força*

Louvado seja Deus! Meus filhos não têem pejo
de me terem por mãe?

JORGE

Oh! minha mãe, que dizes?

Não sei qual sinto mais, se orgulho se a ventura
de ser teu filho...

ANGELO

Oh! sim! soberbos e felizes
por sermos filhos teus!..

CONDE, *a* MONSENHOR, *muito commovido*

Aquella creatura...
Aquella mãe...

MONSENHOR, *completando-lhe o pensamento*

É santa ou já não ha virtude.
Comprehendes tudo?!

CONDE

Sim...

ANGELO, *á mãe*

Cruel, como podeste
roubar-nos tanto tempo...

BERTHA, *a* THEREZA

Oh! que martyrio este!..
Não podermos nós ir beijal-a.

MARIETTA, *levantando-se*

Como pude?
Sabes lá quanto póde a mãe que n'uma idéa
unica e fixa absorve inteiramente a vida:
—Ver feliz o seu filho—E eu tinha dois... Perdida
metade da minh'alma, a outra consagrei-a
a inventar-vos, eu sei? Dois thronos se eu podesse...

Teu pae que Deus levou, bem sabe se um só dia
deixei de lhe enviar minh'alma n'esta prece:
«Perdoa, meu senhor, eu não t'os merecia.»
Pois diga, senhor conde, eu posso porventura

Muito humilde.

dizer a todo o mundo:

Com respeito.

—«Aquelles dois senhores
são filhos d'uma pobre e humilde creatura
nascida no Pará... filha de uns mercadores
de pelles...»

Afflicta.

Não, não. Nunca, ouvistes? Não consinto,
seja qual for a pena, a dôr que Deus m'imponha
em vos acorrentar a vida a tal vergonha.

BERTHA, *chorosa, mas energica*

Papá não posso mais!

Corre a Marietta.

Não posso; isto é o que eu sinto,
A mãe Marietta é santa e é santo o amor das mães,
e quero dar-lhe um beijo... e adeus.

Beija-a.

MARIETTA, *beijando-a*

Santa menina!

BERTHA

E acabou-se.

Volta-se para o pae chorosa e humilde.

Papá...

CONDE, *só a* MONSENHOR

Bom coração!..

MONSENHOR, *só, ao* CONDE

Divina!..

BERTHA

Castiga-me, fiz mal... É justo, aqui me tens...

JORGE, *áparte*

Que anjo!

CONDE, *vencendo com esforço a commoção, puxa-a para si emquanto ella lhe beija a outra mão, com voz tremula e suffocada*

Não...

MONSENHOR

Vem cá, filha; e Deus t'o pague. És boa!

Abraça-a.

ANGELO, *abstrahindo do outro grupo*

Oh! que ventura a nossa! Os proprios anjos vem
abençoar-te n'um beijo, ó minha santa mãe!

Continuam conversando os tres.

BERTHA, *a* THEREZA

Anda, vae tambem lá. Não vês que elle perdôa!

CONDE, *continuando a conversa com* MONSENHOR

Pois sim, mas essa carta?

MONSENHOR

É falsa em parte ao menos.

CONDE, *a* MONSENHOR

Talvez.

Reacção.

E a confissão de minha filha?... Ouviste?

Mais alto.

Vamos...

Vae a subir.

MONSENHOR, *ao* CONDE, *só, detendo-o*

Não dizes nada á mãe, nem aos pequenos?

CONDE, *contrafeito a* MARIETTA

Não quero... perturbar...

MONSENHOR, *concluindo por elle*

Com uma sombra triste
a alegria da mãe...

Olha affectuoso para os tres, e receioso para o conde.

CONDE, *saudando*

Senhora...

JORGE, *saudando*

Senhor conde...

MARIETTA

Obrigada, senhor.

O conde sobe.

MONSENHOR, *de fugida, aperta as mãos*

Adeus... e boa tarde...

THEREZA, *áparte e olhando para* JORGE

Nem no adeus de um olhar ao menos me responde.

MARIETTA

Bem haja...

JORGE

Oh! sim, bem haja...

ANGELO, *beijando-lhe a mão*

Adeus.

MONSENHOR, *com os olhos no* CONDE

E Deus vos guarde.

SCENA XIX

Os mesmos, JORNALEIROS, HOMENS, *e* RAPARIGAS, MINEIROS *com vestuario de trabalho, com instrumentos do serviço, gigas, enchadas, picaretes, lanternas de mina, etc., e á frente* CARLOS *radiante.*

MINEIRO

Viva o fidalgo, primeiro...

TODOS

Viva!... Viva!

UMA RAPARIGA

E vivam as fidalguinhas.

TODOS

Viva, vivam!

CARLOS

E viva o nosso engenheiro

TODOS

Viva, viva!

MINEIRO, *ao* CONDE

Fidalgo... Nem duas linhas
tiradas com um ponteiro
se encontravam mais direitas.

ALGUNS

Nunca se viu cousa assim.

BERTHA, *que tem estado a empurrar a irmã para o grupo de* MARIETTA

Vae, tolinha, agora.

THEREZA, *esquivando-se*

Eu, sim!
Vae tu dar-lhe um beijo

Beija-a.

BERTHA

Emfim
já que tu não aproveitas...

THEREZA

Não, Bertha, vae tu por mim.

BERTHA, *partindo*

Bem...

Para, volta, tira-lhe o lenço e corre a Marietta.

Mãe Marieta... depressa...
Um beijo de minha irmã...

Estendendo o lenço a Jorge, emquanto Marietta a beija.

Jorge...

JORGE, *tomando o lenço*

Oh! meu Deus!

BERTHA

Sim, sim, peça,
peça ao Senhor que ella... esqueça

Parte e pára, olhando para Angelo muito commovida.

ANGELO, *tristissimo*

Adeus!

BERTHA, *com voz suffocada*

Adeus...

CONDE, *ao fundo*

Ámanhã...
Sim; ha de haver festa e quero o povo inteiro
a festejar-me a mim e aos noivos...

Rumor de alegria na multidão.

MINEIRO

Que alegria!
Faz muito bem, fidalgo. O povo bem dizia
«A menina ha de ser para o nosso engenheiro.»

CONDE

Pois enganou-se o povo e foi muito imprudente.
O noivo... é meu sobrinho...

CARLOS, *fulminado*

Eu... tio?!

CONDE

Tu, pois qual?!

Sáe com Monsenhor.

SCENA XX

OS MESMOS, *menos* CONDE *e* MONSENHOR. BERTHA *e* THEREZA, *que chora abraçada á irmã, vão subindo, e ao fundo páram conversando com duas raparigas que lhes fallam condoidas.* CARLOS *desce como idiota, sem ver nem ouvir ninguem, para o lado opposto ao grupo de* MARIETTA.

CARLOS

Eu!... Caso-me!... eu!...

RAPARIGAS, *ao fundo*

Que pena!

CARLOS

Agora é que é fatal!..

JORGE

Entremos?

MARIETTA

É melhor...

JORGE, *olhando affectuoso para o povo*

Coitados! pobre gente!

SCENA XXI

Os MESMOS, *menos* MARIETTA, JORGE *e* ANGELO

UMA RAPARIGA

E até promessas fiz!...

OUTRA

E a gente a rezar tanto!

CARLOS, *meio idiota de terror, frisando o dito das promessas*

Fará bem?

RAPARIGA

Flores, eu por mim nem uma apanho...

Ameaçam saida atraz das duas meninas.

CARLOS, *ajoelhando de subito com voz lacrimosa e arrancada como se estivesse entalado*

Sim... Deve ser... S. Braz... ouves, meu bravo santo?

Fazendo gesto a marcar a altura quasi do hombro com a mão direita, emquanto com a outra offerece ao céu o voto.

Um Carlinhos de cera... assim... d'este tamanho...

ACTO QUARTO

Jardim illuminado a globos e lanternas. Fundo uma fachada do palacio com portas e grandes janellas á antiga para a scena e todo illuminado com lustres. A cimalha da fachada corrida com lanternas de côres. Em frente de uma das janellas ha uma mesa, tinteiro antigo com arieiro e pennas, tendo em cima as duas escripturas dos casamentos; esta mesa deverá ser afastada ao começar o baile.

SCENA PRIMEIRA

TABELLIÃO, *do fundo da casa*

Que jantar! Santo Deus!... que opiparos manjares!
Nunca vi cousa assim! E o que é de boa a neve!
E os vinhos?! Quaes Cartaxo e Torres, qual Collares?

Chatós e mais *Chatós* do demonio que os leve
que até me estão assim os olhos mais confusos...
Tambem... foi do leitão; foi muito... Se eu soubera,
da tal *Carlota Russa* ou que demonio era!...
Mas depois do leitão tinha os autos conclusos.
Ora, não será mau reler as escripturas;
não fizesse eu tolice

Sobe e pára a rir.

É boa! Olha as bebidas!...
Nem me lembrava já que foram ambas lidas,
ficando para logo as quatro assignaturas
dos noivos e as dos mais...

Saindo.

Mas que banquete, ó gente!
que soberbo banquete!...

SCENA II

BERTHA *e* CARLOS

Entrando um da D. o outro da E.

BERTHA

Até que finalmente.
Carlos, vem cá depressa...

CARLOS

O que é?

BERTHA

Não é verdade
que tambem tens um cofre um pouco parecido
ao de Jorge?

CARLOS

Irmãosinho.

BERTHA

Oh! que felicidade!

CARLOS

Comprámol-os até juntos... Arrependido
estou eu de o ter dado.

BERTHA, *com grande decepção*

O quê? Destel-o?

CARLOS

Dei-o
a Lucilla, e fiz mal...

SCENA III

Os MESMOS, *e um* CREADO

CREADO

Perdão, minha senhora;
está ali o Fagulha...

BERTHA, *sobresaltada*

Onde está elle?

CREADO

Creio
que vem dizer adeus...
Sáe.

CARLOS, *áparte*

Approxima-se a hora!
Sáe.

SCENA IV

FAGULHA *e* BERTHA

BERTHA, *ao subir com o* CREADO *vê* FAGULHA

Vem cá, Fagulha.
Chorosa.
Então? É certo que vão hoje?

FAGULHA

É, sim, fidalga. É logo, á meia noite, e então
eu vinha cá dizer... Parece que até foge
a luz da vista á gente e corta o coração,
minha rica menina o vêl-a assim chorar!

Chora.

Eu sempre disse:—«Aquillo ao ver-se cá sósinha
sem o Fagulha, adeus! fica-me ahi tristinha,
eu sei lá?... como o céu das noites sem luar».
Inda agora ao menino eu disse: «É a maior pena
que eu levo, é uma verdade, aqui da nossa aldeia»...

BERTHA, *soluçando*

E elle... tem?...

FAGULHA

Nada, não? E mais, não é pequena.
Nem hoje quiz jantar, faça a menina idéa!

BERTHA, *sempre com voz lacrimosa*

Tambem eu não jantei, Fagulha!

FAGULHA, *com cuidado*

E não tem fome?
Porque não vae comer agora?

BERTHA

E o choro deixa?

FAGULHA

É certo! dá-se um nó cá dentro; e não se come;
Tambem cá tenho o meu... A gente não se queixa,
A fidalga bem vê que um homem... sim... por brio
finge... mas cá está elle...

Aponta a garganta.

BERTHA

Ha lá comparação
entre o meu nó, que é cego, e o teu que é corredio...
Vou estar doente até!...

FAGULHA

Que diz?

BERTHA

Faço tenção.

FAGULHA

Jesus! nem pense em tal. Olhe, se quer, menina
Eu escrevo para cá de mez a mez...

BERTHA, *animando-se*

Pois sim...

FAGULHA

Não sei; mas o menino agora é quem me ensina
e já se offereceu para escrever por mim
ao meu padrinho.

BERTHA

E a mim?

FAGULHA

Tambem; e mais á mana.
E posso então escrever assim todos os mezes.

BERTHA

Espera... Para mim escreves-me tres vezes.

FAGULHA

Em cada mez?

BERTHA

Não, não. Tres vezes por semana.

FAGULHA

Se eu soubesse escrever, fidalga, nem um dia
cá lhe faltava carta.

Com ferro.

E a culpa tenho-a eu,
se agora não sei ler... Faz-me isto uma arrelia!
Hontem inda, a tal carta... E então não me esqueceu
dal-a á menina!..

BERTHA

A mim?!

FAGULHA

Varreu-se-me da idéa.
Saíu da casa...

BERTHA, *anciosa*

Quem? Lucilla?

FAGULHA

Sim, senhora.

BERTHA, *crescente anciedade*

Pois vistel-a saír?

FAGULHA

Como a estou vendo agora...
Depois, caíu-lhe a carta...

BERTHA

A carta! e tu?

FAGULHA

Filei-a.

BERTHA, *anciosa*

Dá cá, depressa...

FAGULHA

Eu vou buscal-a...

BERTHA

Não a tens

FAGULHA

Mas sei onde a guardei...

BERTHA

Vae já, já, já..

FAGULHA

É um vento...

BERTHA

Vou tambem.

Partem correndo.

SCENA V

MONSENHOR *e* THEREZA

MONSENHOR, *a* BERTHA

Onde vaes?

BERTHA

Eu venho n'um momento.

Sae.

MONSENHOR, *a* THEREZA

É bem certo que a vida é feita de *vae vens!*
Hontem inda... Meu Deus! e agora, que tristeza!...
Oh! tem coragem...

THEREZA

Eu?... Bem sabe que a terei.

MONSENHOR

Podesse-a eu mudar, mas sábel-o, Thereza,
é lei da tua raça...

THEREZA

É, sim. Cumpra-se a lei.

Mas o tio verá que a lei... do preconceito
póde arrancar-me até, em flor, minha existencia
o que ella não me arranca, é o coração do peito.

MONSENHOR

Quem nos ha de valer, meu Deus?...

SCENA VI

Os mesmos, CONDE, CARLOS, *e depois*
BARÃO, BARONEZA *e* LUCILLA

CONDE, *entrando, a* CARLOS

A Providencia.

MONSENHOR, *mysticamente enlevado*
e sobresaltando-se

Amen.

CONDE, *continuando, e descendo aos dois*

É que no berço a todos nol-a traça
essa missão fatal. Carlos? e tu Thereza?
coração de quem nasce em berço de nobreza
não se guarda nem dá, pertence á sua raça.

BARÃO, *á* BARONEZA

Esta é a boa lei.

Ao Conde.

É bello, senhor conde,
por estes tempos de hoje, ainda—*rari nantes*—
apartados do mundo, achar-se de onde em onde
um conde com grandeza, um conde como os d'antes.

CONDE

Por Deus! senhor barão; porque é que tanto exalça
o que é simples dever...

Entram na sala, vindo da direita homens e senhoras.

BARONEZA

Eu creio que são horas.

CONDE

Mas falta o tabellião.

Sobe com a Baroneza.

BARÃO

Eu chamo...

Sáe.

LUCILLA, *a* THEREZA *ao pé de* CARLOS

Já não choras;

Tudo passa, verás...

Thereza approxima-se de Monsenhor.

CARLOS, *só a* LUCILLA, *furioso*

Menos a moeda falsa.

LUCILLA

Nós veremos depois.

BARONEZA, *tomando o braço do filho*

Vamos, filho, o seu braço.

Entra em casa. Lucilla sobe e entra tambem.

CONDE, *a* MONSENHOR

Que?!... Não vens assignar?!

Entra o Barão com o tabellião que toma logar á mesa.

MONSENHOR, *levanta-se*

Dispensa-me; receio

commover-me de mais. Fazes-me isto?

CONDE

Se faço!

Por que não? Se te custa...

BARÃO, *ao* CONDE

O tabellião já veiu.

Sobe e entra em casa.

MONSENHOR

Thereza, um beijo.

Beija-a.

Deus te ampare e te proteja.

THEREZA, *beijando-lhe a mão*

Adeus.

CONDE

Thereza, então?

THEREZA, *firmissima por visivel esforço*

Prompta, meu pae.

Sobem para casa.

BARONEZA

Feliz

o dia em que eu entrar assim tambem na egreja.

MONSENHOR

Bem o pedi a Deus, pedi, mas Deus não quiz...

Louvado seja Deus.

Assignam Carlos, Thereza, Conde, Baroneza, Lucilla, Barão, e mais dois de casaca; depois passeiam na sala recebendo os cumprimentos.

SCENA VII

Os MESMOS *e* BERTHA *e depois* FAGULHA

BERTHA, *entrando muito cançada*

Tio, ó tio, o que é isto?
Veja depressa...
Dando-lhe a copia do registo.

MONSENHOR

O que é?...
Abre e começa a ver.

BERTHA, *subindo e olhando para* THEREZA

Thereza! O que ella soffre!
Desce a Monsenhor.

MONSENHOR

Mas Jorge entregou-me hoje...
Busca no bolso.
É a copia do registo.
Cá está ella.
Tirando do bolso outro papel identico. Entra Fagulha

BERTHA

Bem sei; mas esta era a do cofre.

MONSENHOR

É possivel?!

FAGULHA

Fidalga, o carrinho está prompto.

BERTHA, *ao tio*

Bom. Guarde isso. Adeus, tio.

Sobe.

MONSENHOR

Espera, dize cá:

onde encontraste...

BERTHA

Logo, ó tio, eu logo conto.

MONSENHOR

Mas onde vaes, pequena?

BERTHA

Eu venho, eu venho já...

Sáe correndo com Fagulha.

SCENA VIII

MONSENHOR, BARONEZA *e depois* AGIOTA

BARONEZA, *vindo a* MONSENHOR

Peço-lhe os parabens, monsenhor...

MONSENHOR

Baroneza,

eu não lh'os posso dar infelizmente.

Entra o agiota.

BARONEZA

Não?!

Essa agora! E porquê?

MONSENHOR

Nem Carlos, nem Thereza

são felizes...

Reparando.

Espere! O amigo do barão!

BARONEZA, *vendo o* AGIOTA

É verdade! Outra vez!

Sobe a encontral-o.

Então, pelo que vejo,

não foi hontem?

AGIÒTA

Fui, sim, minha senhora, e vim.

A Monsenhor.

Como passou vossencia?

MONSENHOR

Agradecido.

Sauda e sae.

SCENA IX

BARONEZA *e* AGIOTA

BARONEZA

Sim?

Isso é que foi correr...

AGIOTA

Lembrando-me o desejo
que vossencia mostrou de ser tão generosa
com respeito a seu genro, eu tinha o grande empenho
de poder trazer-lhe hoje a prenda que aqui tenho...
É uma idéa feliz devéras e... mimosa.

BARONEZA

Agradeço.

AGIOTA, *abrindo a carteira*

Aqui está!...

Mostra-lhe letras.

BARONEZA

Mais letras!!

AGIOTA

Vinte e um contos.
Não pude arranjar mais...

BARONEZA, *áparte*

Tem graça.

AGIOTA, *concluindo*

Pela pressa.

BARONEZA, *rindo affectuosa*

Mas já não é preciso agora.

AGIOTA, *muito assustado*

Inda mais essa!...

BARONEZA, *com o mesmo tom*

Assignou-se a escriptura... É boa!
Ri.

AGIOTA, *afflictissimo*

E com descontos?

BARONEZA, *rindo*

Não é preciso já.

Aparte.

Que grande maganão!

Olhe quem ali vem.

Vae á filha que sáe de casa com o Barão.

Queres saber, Lucilla?

Encontra-se com o Barão, conversam rindo, e saém conversando as duas.

SCENA X

AGIOTA *e* BARÃO

BARÃO, *que ainda vira o agiota com a carteira, comprehendeu e, deixando* LUCILLA *á mãe, vem a elle*

Percebo. Homem, você parece um cão de fila, não me larga!

AGIOTA, *desolado, mostra as letras*

Aqui tem o verdadeiro cão...
Vinte e um conto de réis que ella, que a sua sogra me faz perder!...

BARÃO, *rindo*

É boa!

AGIOTA

E ri-se! acha-lhe graça!
Descontei-os por um... e logrado!

BARÃO, *rindo*

E não logra!

Com gravidade.

Mas em que situação se encontra a nossa praça!
Desgraçado paiz! Já viram? Por um conto,
assignados por mim descontam-se vinte e um!
Retrahe-se o capital e o credito a tal ponto
que um homem quer dinheiro e não lhe dão nenhum.

SCENA XI

Emquanto o BARÃO *e* AGIOTA *sáem lentamente parando a espaços, entram de um lado* CARLOS *e* MONSENHOR, *como quem vem ao encontro de alguem: temos, pois, em scena alem dos* CONVIDADOS *em cima na sala* — BARÃO, AGIOTA, CARLOS *e* MONSENHOR.

CARLOS, *indicando o lado fronteiro*

Olhe, tio, ali vem.

MONSENHOR

Sim; é verdade.

Atravessam a scena e sáem.

SCENA XII

BARÃO *e* AGIOTA, *continuando a subir*

BARÃO

Vinte e um contos por um! Quasi de graça!

AGIOTA

Eu que o diga!

BARÃO, *formalisado*

E o meu credito? Quem ha de
ter confiança em similhante praça?
Vinte e um contos por um!...

Sáem para a sala.

SCENA XIII

MONSENHOR, CARLOS, MARIETTA,
JORGE *e* ANGELO

MONSENHOR, *ao entrar*

Não sei mais nada.
Depois de perguntar-me o que era isto,

Aponta o papel.

foi-se correndo...

JORGE, *restituindo a* MONSENHOR

A copia do registo
não ha duvida.
Á mãe.
E tinhal-a fechada
com os outros papeis? Estás bem certa?

MARIETTA

Certissima.

MONSENHOR

Tenhamos, pois, confiança.
É que Deus escolheu essa creança
para os salvar...

ANGELO, *áparte*

Minha adorada Bertha!

MONSENHOR

Não digo para mim, no meu conceito
A Carlos.
nem para ti... Nem para mais ninguem...

CARLOS

Para o tio...

MONSENHOR

Quem sabe o que elle tem

escondido lá dentro do seu peito?
Depois d'aquella carta, francamente...

ANGELO, *atalhando*

Que é falsa, que é falsissima...

MONSENHOR

Acredito.

A Marietta.

Mas n'alguns pontos o que vejo escripto...

MARIETTA

Tem rasão, monsenhor, e toda a gente
devia suspeitar. E o meu segredo
confirmou-lhe no espirito a suspeita.
Mas que quer, monsenhor? sou assim feita...

SCENA XIV

Os mesmos, CONDE *e* THEREZA

CARLOS, *apontando o* CONDE

Meu tio...

Sobe e sáe.

JORGE, *a* MARIETTA

Vamos.

MARIETTA

Oh! meu Deus! que medo!

Angelo, Marietta e os dois filhos vão ao encontro do Conde.

JORGE, *saudando*

Senhor conde...

CONDE, *saudando*

Senhor.

A Marietta.

Minha senhora...

Então levanta-se?! Perdão; Thereza,

faze-a sentar.

Thereza fal-a sentar, sentando-se tambem no banco.

SCENA XV

Os MESMOS, *menos* CARLOS, *que sáe*

MARIETTA, *muito penhorada*

Senhor, tanta fineza!...

A Thereza que a obriga a sentar-se.

Minha menina...

Beija-lhe as mãos.

THEREZA, *beija-a receiosa*

Oh! mãe Marietta...

ANGELO, *um pouco atrapalhado*

E agora

Que depois de hontem, pela vez primeira
e certamente a ultima na vida,
lhe fallo, senhor conde, em despedida
vou fazer-lhe uma supplica.

CONDE, *trahindo a sua sympathia*

Deus queira

que não seja impossivel.

ANGELO

Peço então.

Não nos estima, sei-o. Emfim, paciencia...
Com a maior expressão de reconhecimento.
mas deu-me a minha mãe! Vossa excellencia
não me permitte que lhe beije a mão?...

CONDE, *impressionado indica o impulso de lhe tomar a cabeça para o beijar*

Beijar-me a...
Reprime-se.
mão!
Cede a mão.
só isso...

ANGELO, *beijando-lhe a mão*

Senhor conde...

CONDE, *áparte, desesperado por ter de reprimir-se*

Morro por elle...

ANGELO, *muito commovido*

Adeus... muito obrigado.

CONDE, *não podendo mais dissimular*

Tens um bom coração leal e honrado
onde a doblez de certo não s'esconde.

Beija-o na fronte carinhosamente.

MONSENHOR, *aos outros*

Bravo. Não vos disse eu?

ANGELO

Bom! Cá vem ellas.

Fica a chorar.

CONDE, *querendo furtar-se á situação*

Mas... vamos, senhor Jorge... se deseja
fallar-me, como diz...

MARIETTA

Louvado seja
o Senhor...

CONDE, *saindo com* JORGE

Contas, não; nem quero vel-as.

Sáem.

SCENA XVI

Os MESMOS, *menos* CONDE *e* JORGE,
e mais CARLOS, *que entra*

CARLOS

Não sei de Bertha. Foi no seu carrinho
com o Fagulha e foi a toda a brida
pela estrada da villa...

MARIETTA

Pobre anjinho!

MONSENHOR, *approxima-se de* CARLOS

Se lhe succede alguma! É destemida,
É creança...

Conversa com Marietta e Angelo, commentando animadamente a scena passada.

CARLOS, *com dó de* THEREZA

Thereza, as raparigas
da aldeia desejavam dar-te um ramo...
tens paciencia?

THEREZA

Pois sim.

CARLOS

Eu mesmo as chamo.

Sáe.

THEREZA

São, coitaditas! são minhas amigas...

SCENA XVII

Os MESMOS, CARLOS, ANTONIA, MARIA JOSÉ *e as* RAPARIGAS. *Ao começar o côro entram no jardim muitos convidados* BARÃO *e* LUCILLA

CARLOS, *empurrando as raparigas emquanto ellas se cobrem umas com as outras, rindo, muito acanhadas.*

Vamos, então?

ANTONIA, *rindo, muito atrapalhada*

Que quer, fidalgo? a gente
tem a modo vergonha...

MONSENHOR

Então? entrae,
cachopas.

ANTONIA, *rindo, cada vez mais enleiada*

Ai! senhor!

Com resolução.

Mas, finalmente,
como quem diz... Se tem de ser... lá vae...

Recita muito decorado e batendo muito a cadencia, com os olhos no ramo em que pega com as duas mãos e muito séria.

Fidalga, por seu respeito
Este ramo lhe trazemos;
Mais não damos, mais não temos
Nem melhor, nem mais perfeito;
Mas se a fidalga o quizesse
Mesmo assim pobre e mal feito,
Talvez elle lhe dissesse
Que, se temos mãos sem geito,
Temos coração no peito
Para a amar quanto merece.

Ri-se vexada.

MONSENHOR

Muito bem, muito bem.

THEREZA, *levanta-se, beija* ANTONIA *e toma o ramo*

Muito obrigada...
A todas agradeço.

ANTONIA, *indicando* PAULINA, *que se esconde entre as outras*

Olhe, menina,
O verso quem o fez foi a Paulina...

A esta.

Olha a cachopa o que é d'envergonhada!
Vem d'ahi...

Thereza beija Paulina e vae mostrar o ramo a monsenhor, e a Marietta.

CARLOS

Bom. Agora vá, Maria.
Cantem, cantem...

MARIA JOSÉ, *vergonhosa*

A gente não se atreve...

CARLOS

Cantem a moda nova...

MARIA JOSÉ

O Deve-deve?

CARLOS

Isso...

MARIA JOSÉ

Então com perdão da companhia.

Formam grupo para cantar.

SCENA XVIII

Os MESMOS *e* FAGULHA.

FAGULHA, *correndo a* MONSENHOR

Senhor padrinho, a menina
diz que venham á saleta
Vosselencia, a mãe Marietta,
o menino e...

Olha para Thereza.

MARIA JOSÉ, *atalhando*

Vá, Paulina.

Entretanto Monsenhor, Marietta e Angelo sáem.— Cantam.

DUAS VOZES

Toda a noiva deve, deve...
ir mais branca do que a neve.

CORO

Deve deve
ir mais branca do que a neve.

DUAS VOZES

Mas que a bôca seja, seja
tal e qual uma cereja.

CORO

Seja, seja
tal e qual uma cereja.

LUCILLA, *que desde a entrada de* FAGULHA *mostra crescente inquietação, diz àparte*

Que horrivel presentimento!
É preciso ir ver...

Alto.

Barão,
eu volto já n'um momento
se me permitte...

BARÃO

Oh! pois não!

Sáe Lucilla correndo.

DUAS VOZES

As palpebras deve têl-as
como nuvens sobre estrellas.

CORO

Deve, deve,
como nuvens côr de neve.

DUAS VOZES

E os olhos sempre no meio
do valle que tem no seio.

CORO

Deve, deve.
Seio seio, côr de neve.

DUAS VOZES

A cama deve compôl-a
Como o ninho de uma rôla.

CORO

Deve, deve;
de uma rôla côr de neve.

DUAS VOZES

Que nem um raio da lua
Vá lá dentro vêl-a nua.

CORO

Deve, deve.
Nua nua, côr de neve.

Muitos convidados, homens e senhoras, têem vindo ouvir o côro dando signaes de agrado, e esses e outros ás janellas dão palmas no fim e bravos.

BARÃO

Bravo, bravo... lindissimo, em verdade!

Olha e sáe rapido.

THEREZA

Adeus... Ide e cantae pelos pomares...

ANTONIA, *a algumas*

Adeus, nossa menina. Isto é amisade;
Só tem que perdoar estes cantares.

Thereza abraça algumas, agradecendo-lhes, e acompanha-as até ao fundo.

SCENA XIX

THEREZA, BARÃO *e* LUCILLA

BARÃO

Escusa de negar. Pois não se vê que soffre?!..
Oh! soffre e muito...

LUCILLA

Não... Nervosa.

Aparte.

Com que fim
foi que Bertha fingiu ser este o mesmo cofre,
o d'elles?.. Oh! meu Deus, tem compaixão de mim!

Continuam conversando.

SCENA XX

THEREZA, MONSENHOR, BERTHA,
BARÃO *e* LUCILLA

MONSENHOR, *entrando com* BERTHA

Depressa, filha, vem. Não te mentia
a voz do coração... Graças a Bertha
lá temos os papeis.

THEREZA

Oh! que alegria!
Era calumnia... d'isso estava eu certa.
Oh! Deus te pague, minha irmã querida.

MONSENHOR, *sobe com as duas*

Vem, filha, vem.

A Bertha.

Mas dize, ó mysteriosa,
Quem tinha então roubado?..

LUCILLA, *áparte*

Estou perdida!

BERTHA, *olhando para* LUCILLA

Os papeis?.. Ah! sim... Foi... Foi a raposa.

Ao sairem os tres encontram Carlos com quem Bertha desce.

Coitada... Pobre pequena!
Foi má! Foi ruim... Mas então,
Deus é quem julga e condemna...
Faz-me pena... muita pena.
Não está mais na minha mão.

SCENA XXI

BERTHA, CARLOS, BARÃO *e* LUCILLA

BERTHA, *a* CARLOS

Que tens?

CARLOS

Vergonha... É horrivel!

BARÃO

Coitadinha!
Não sei que tem Lucilla... mas esconde
um desgosto qualquer, veja, Berthinha,
Por mais que lhe pergunto, não responde!

CARLOS, *desesperado*

Eu lhe digo, senhor...

BERTHA, *detendo-o*

Não dizes nada.

Indo a Lucilla.

Sou eu...

LUCILLA

Queres vingar-te?

CARLOS

Que cynismo!

BERTHA, *chorosa*

Vingar-me? Quero sim, mas, desgraçada,
dando-te a mão á beira d'um abysmo!

BARÃO, *com vago receio, mas sem saber*

Abysmo! E eu sem saber! Contem-nos, contem.

BERTHA

A raposa era astuta e traiçoeira...
mas foi-lhe armada

Olhando para o Barão.

a ratoeira hontem
e hontem mesmo caíu na ratoeira!..

Mas vamos, vamos ver a vossa mãe,
que é preciso, coitada, prevenil-a...
porque a raposa chama-se... Lucilla

Olhando o Barão.

e a ratoeira chama-se...

Puxando-a.

Vem, vem...

Vão subindo as duas.

BARÃO, *áparte*

Sabe tudo!

Alto, com riso amarello.

É esquisito!

CARLOS, *a elle só, e seccamente*

Tambem acho.

BERTHA, *passando ao fundo*

Não vem, senhor barão?

BARÃO

Se permittisse,
Ficaria fumando.

CARLOS, *intimando-o*

E espere!

Sáe com Bertha e Lucilla.

SCENA XXII

BARÃO, *só*

Fuisse!

Lá vae tudo... lá vae por agua abaixo!

Scismando.

Ora, o meu ex-cunhado é espadachim...

Resolve.

Deixo-lhe em meu logar o meu banqueiro.

Rindo.

Saco sobre elle um murro ou dois... Emfim
é juro a credito do ex-meu dinheiro.

Sobe e olha.

Não ha tempo...

Sáe rapido.

SCENA XXIII

MONSENHOR *e* THEREZA

MONSENHOR

Depois, viste-o, coitado!
todo convulso ao ler a carta...

THEREZA

Sim,
Ficou deveras triste, impressionado.
E como se abraçou depois a mim
a beijar-me, não viu? Porque seria?
Talvez para esconder os olhos rasos
de lagrimas...

MONSENHOR

Talvez. Tambem podia
ser um certo remorso...

SCENA XXIV

Os mesmos, BERTHA, CARLOS, *depois* ANGELO

BERTHA, *a* CARLOS

Mas ha casos
em que o desprezo é preferivel, crê.
Nem te elle espera, vês? E quanto a ella,
coitada! no seu pranto bem se vê
que é sincero o remorso que revela...
A Angelo que entra.
Então, Angelo?
Carlos sáe.

ANGELO

Ahi vem.

A Monsenhor.

Não imagina!
Tão triste! Mas que grande coração!
O que nos disse a todos!

A Bertha.

Ó menina!
A mim proprio teu pae pediu perdão!
Tive raiva a mim mesmo! Francamente
a minha mãe percebo; a dois fedelhos
como eu e Jorge?... Oh! faz chorar a gente
com raiva! Mas eu puz-me de joelhos,
beijei-lhe a mão e fiz-lhe um tal berreiro

Rindo.

que se calou... Pois sim, mas... tão sombrio!
Parece até zangado!...

THEREZA, *scismando no que ouviu*

O que acha, tio!

MONSENHOR, *a* THEREZA

Que seria de certo elle o primeiro
a traduzir-te os beijos d'inda agora,
abençoando o teu sonho de ventura...

THEREZA

É possivel?!...

MONSENHOR, *concluindo*

Se fosse ha meia hora!...

Com desalento.

Mas depois de assignarem a escriptura...
Bem sabes que em teu pae, ha certo brio
de fidalgo que n'elle é fanatismo...

SCENA XXV

Os MESMOS *e* LUCILLA *timida e triste*

BERTHA, *com tom protector e com dó*

Vem cá, Lucilla, vem.

Beija-a carinhosamente.

LUCILLA, *commovida, beija-lhe as mãos*

Oh! de que abysmo
tu me salvaste, Bertha!

THEREZA, *depois de scismar nas palavras do tio*

Assim é, tio...

MONSENHOR

Poz o seu nome ahi n'essa escriptura,
por nada... nem por ti, nem por ninguem
rasgava agora a sua assignatura.

THEREZA, *tristissima*

É certo.

BERTHA, *provocando a attenção de todos*

Tenho uns planos.

LUCILLA, *áparte, radiante*

E eu tambem.

Sáe.

SCENA XXVI

Os mesmos, *menos* LUCILLA

THEREZA

Quaes são? dize.

BERTHA

Bem sabes, que o papá

tem repentes de genio em se irritando
que até parece ás vezes...

Hesita.

Eu sei lá...

MONSENHOR, *concluindo por ella*

Que endoidece, é verdade.

BERTHA

Pois bem, quando
elle vier, o tio com finura
contraria-lhe todo o pensamento,
Defende com calor o casamento
de Carlos com Thereza... e a assignatura
inviolavel e tal...

MONSENHOR

Qu'ingenuidade!
Ó filha! pois se eu julgo monstruoso
tal casamento...

BERTHA

Forte novidade!
Tem de fingir, é claro.

MONSENHOR, *assombrado*

Mentiroso!
Mentir! eu!

BERTHA

Sim, senhor, mente; hoje mente.
Mentira com bom fim, não é mentira...

MONSENHOR, *afflicto*

Nem eu sabia...

BERTHA

Sabe toda a gente.
E depois, quando o virmos cego de ira,
mostra-se-lhe a escriptura e é—zás—...
Com pena do pae.
Coitado!

MONSENHOR

Vou fazer trapalhada, tu verás...

BERTHA, *aos outros*

Afastem-se; lá vem.
Ao tio.
Eu fico ao lado
para ensinar... Não faz, tio, não faz...

SCENA XXVII

Os mesmos, CONDE, JORGE *e* MARIETTA

Jorge e Marietta misturam-se com o grupo de Thereza e Angelo que lhes contam o plano de Bertha, vigiando anciosamente o que se passa. O Conde vem a Monsenhor e Bertha, e senta-se triste e sombrio. Bertha com o cotovello dá signal a Monsenhor para começar. Elle quer começar, tem medo e nada. Segundo cotovellão; de novo Monsenhor ameaça começar. Cheira uma pitada, afflictissimo e nada. Terceiro signal e segredo ao ouvido.

MONSENHOR

Vens triste, Ruy! que tens?

CONDE

Se te parece pouco
ter feito o que hontem fiz áquelles dois pequenos
e áquella santa mãe...

Pausa.

sem ter sequer ao menos
meio de reparar essa injustiça!

Irritado. Bertha toca no braço do tio trocando um olhar de intelligencia.

Louco...
Eu estava louco e cego!

Zangado.

E tu tambem! porquê?
Não me tiveste mão! Quem senão tu podia?...

MONSENHOR, *ensinado por* BERTHA

Porque estava a prever que a tua sympathia
por Jorge póde ir longe e póde; bem se vê...

CONDE, *mais irritado*

E onde póde então ir, se faz favor?

Pausa. Aonde?

MONSENHOR, *ensinado por* BERTHA

Pensas que te não leio inteiro o pensamento?...

CONDE, *sempre irritado*

Mas diga, onde póde ir?

MONSENHOR, *ensinado*

Enganas-te.

CONDE, *levanta-se*

Responde,
com mil demonios!...

MONSENHOR, *ensinado*

Bem. Póde ir a um casamento

Faz a expressão de espanto e dolorosa ouvindo Bertha que insta

funesto... desigual...

Áparte.

E Deus não me castiga!...

BERTHA, *a* MONSENHOR *só*

Vae muito bem.

MONSENHOR, *responde-lhe alto*

Que horror!

CONDE, *pensando, alto*

Porquê? Não... desegual...
A casa de Sever não é menos antiga
do que a nossa. De resto, eu não pensava em tal...
Nem podia pensar... Depois d'essa escriptura...

MONSENHOR

Carlos não é feliz...

CONDE

Nem elle, nem Thereza.

MONSENHOR, *por sua conta*

Hão de sêl-o depois.
Olha para Bertha que o anima.

CONDE

Ingenua creatura!...
Nem ao menos conhece a energica firmeza
do seu caracter... Elle! Elle que lh'o formou!...

BERTHA, *baixo a* MONSENHOR,
que áquellas palavras radiante de enthusiasmo
vae deitar tudo a perder
estremecendo ao cotovellão de BERTHA

Mau! mau! cuidado!

CONDE, *pensando, alto*

E Jorge! Ahi tens a sympathia
Dos dois! A mesma cousa em tudo! Na energia!
Na nobreza!...

MONSENHOR, *por sua conta*

Essa agora! Onde é que elle a mostrou?

Com o olhar interroga Bertha, que faz signaes de admiração de que elle não gosta.

CONDE

Aonde? Na desgraça immensa da orphandade!
Na lucta pela vida e lucta em que venceu!
Lucta de uma creança e contra a adversidade!
É mais nobre, bem vês, de que tu e do que eu.

MONSENHOR, *levantando-se*

Eu bem t'o disse, Ruy! É muito romanesco,
é bello, mas vê lá, por Deus, nem um momento
penses em tal.

CONDE, *contrariado*

Porquê? Pois esse casamento
impossivel, aliás, não era bom?

MONSENHOR

É fresco...

CONDE, *começa a irar-se*

É fresco?!

MONSENHOR

Um disparate!

Olha Bertha que o applaude muito.

CONDE, *muito irritado*

A idade é o teu defeito.

Tu vaes a ensandecer...

MONSENHOR

Pois sim, mas a tolice

fázel-a tu. Por isso, estou no meu direito

de me oppor...

CONDE, *espantado e furioso*

Se eu quizer?!

MONSENHOR

Opponho-me, já disse...

CONDE, *gritando, colerico*

Não poder eu... rasgar essa escriptura!

SCENA XXVIII

Os mesmos, BARONEZA, LUCILLA *e* CARLOS

BARONEZA, *respondendo ás ultimas palavras do* CONDE

Incrivel!

Vejo que sabe tudo, e nos seus olhos brilha
a nobre indignação por esta affronta horrivel.
Rasgal-a, sim, diz bem. Depressa minha filha...

Aponta-lhe a mesa onde estão as escripturas. Lucilla e Carlos entram em casa e vão á mesa.

CONDE

Chego a não perceber...

BARONEZA

O mesmo exactamente
me succedeu a mim! Encheu-se-me a cabeça
de lume e o coração...

CARLOS

Espera, não é essa...

LUCILLA

Cala-te!

BARONEZA, *concluindo*

Ao receber ultraje tão pungente!...

LUCILLA, *dando a escriptura*

Aqui a tens, mamã.

BARONEZA, *tomando-a e rasgando-a*

Depressa... Assim... E agora...

Ameaça calcar os bocados.

CONDE, *escandalisado*

A baroneza, rasga a sua assignatura?!

BARONEZA

Sem hesitar; sou mãe. Não era a desventura
de minha filha?

BERTHA, *ao* CONDE

Vês? E tu és pae.

CONDE

Embora...

BERTHA, *apanha os pedaços da escriptura*

Mas enganou-se, veja! Ó tia baroneza?

BARONEZA

É possivel? Meu Deus!

BERTHA

Olhe, veja... Aqui tem
o nome do papá... de Carlos... de Thereza...

BARONEZA

Valha-me Deus... Perdão... Foi troca...

Sobe desesperada e vae rasgar a outra escriptura.

CONDE, *que respirou alegremente*

Ainda bem!
Tanto melhor.

MONSENHOR, *ao* CONDE *que está contente*

Faz-se outra.

CONDE

Ordenas?

MONSENHOR

Certamente...

CONDE

Vamos ver isso; espera. Ó mana baroneza?

Conversa animadamente com ella, que o escuta contrariada e triste Depois desce um pouco a Marietta, Jorge e Thereza que se levantam e sáem. Angelo vem a Monsenhor.

MONSENHOR, *radiante*

Providencial engano!

BERTHA

Oh! como estou contente!

CARLOS, *abraça* LUCILLA

Lucilla, minha irmã! Beija-a tambem, Thereza!

BERTHA, *surprehendida*

Então a troca foi...

CARLOS, *louco de alegria*

Propositada, sim.

BERTHA, *abraçando* LUCILLA

Oh! tu no fundo és boa... e d'isso estava eu certa..

LUCILLA

A vossa gratidão não me é devida a mim.
Era um sonho infernal. Quem me acordou foi Bertha.
Beijando-lhe as mãos com muito reconhecimento. Baroneza e Conde sáem pela direita. Carlos sobe a dar parte que não casa.

MONSENHOR, *a* ANGELO, *afflicto*

E achas que menti bem?

ANGELO

Esplendido!

MONSENHOR

É horroroso!
Louvado seja Deus! Era a primeira vez!
Bertha approxima-se. Thereza com Lucilla, sobem, passeiam e sáem.

ANGELO

Pois olhe, Monsenhor, que nunca ninguem fez
debute mais feliz, nem mais auspicioso!

MONSENHOR, *a* BERTHA
que se approxima com cara de troça

Vae-te d'aqui, pequena. Ainda tu cá vens?!

BERTHA

Mentiu perfeitamente. Então não lhe dizia?..

CARLOS, *que em passo rapido já tem corrido a dar parte a varios, vem apertar a mão a* MONSENHOR

Já não caso...

MONSENHOR

Melhor.

CARLOS, *a* ANGELO

Não caso.

Segue a dizer o mesmo a toda a gente.

ANGELO, *apertando-lhe a mão*

Parabens.

MONSENHOR, *afflicto*

O que ella fez de mim!

BERTHA, *com comica indignação*

Monstro d'hypocrisia!
Vem ahi não tarda nada,
em commisão, entre santos
e santas, cincoenta e tantos

descompor o camarada
por mentir!
Rindo.
Que horrendo vicio!

ANGELO

Diz-se até que santo Hilario
vae reunir o Kalendario
n'um formidavel comicio...

CARLOS, *ao longe*

Já não caso! Já não caso!
Continúa.

ANGELO, *continuando*

E se esta questão lá chega
fazem partida ao collega—
Fazem, vae lá tudo raso...
Monsenhor começa a rir surdo.

BERTHA

Olhe; á indignação que lavra
no gremio, vae fóra, creia.
Quinze santos, faça idéa,
já pediram a palavra!...
A cousa está muito feia!..

MONSENHOR

Vão-se d'aqui para fóra
sôs garotos... Inda em cima
escarnecem...

BERTHA

Essa agora!
Pois que faz a gente? Anima
os artistas...

MONSENHOR

Vá-se embora...

Enxotando-a.

Que sorte m'está guardada
nos mysterios do destino?
Pelo declive da estrada
Quem sabe? d'aqui a nada
talvez gatuno... assassino.

BERTHA, *desce, arrastando* CARLOS, *zangada*

Vae-me pôr fóra da dança
essa tola da Paulina
ou chego-lhe.

CARLOS

Eu vou, descança
mas...

BERTHA

Sabes dançar, ensina
tu Angelo...

CARLOS, *rindo*

Oh! que lembrança,
Ciumes! tu tens ciumes,
Bertha? Eu já presumia
que essa grande sympathia...
Ri.

BERTHA

O quê? dize, o que presumes?

CARLOS, *auscultando-a*

Deixa ouvir.
Ausculta.
O que elle mia!...

BERTHA

Elle, quem?

CARLOS

O amor, o gato...

BERTHA, *enlevada e surprehendida*

Amar!.. Eu!..

Em monologo.

CARLOS, *muito docemente*

Miau... miau... Coitado!...

BERTHA, *vendo que* PAULINA *continúa a ensaiar* ANGELO *a dançar*

Lá estão ambos... O malvado!...
Põe-m'a fóra ou eu lhe bato.

CARLOS

Bonito! O gato assanhado!

Imitando um gato.

Fu... Fu... Fu...

ANGELO, *desce*

Então, meninos
Vocês vem dançar ou não?
Que tem Bertha?

CARLOS

Uns pequeninos
symptomas.

ANGELO, *com interesse*

De que?

CARLOS

Felinos.
Tem gato no coração...

ANGELO, *espantado*

Gato! gato?!!

CARLOS

Ella te ensina.

ANGELO

Sim, Bertha eu acho-te...

BERTHA, *seccamente*

O que achas

ANGELO

Triste!... O que é que tens, menina?

BERTHA

Tenho aqui duas bolachas
para a cara da Paulina.
eis o que eu tenho...

CARLOS, *meio em segredo, para* ANGELO, *apontando* BERTHA

Ciumes...

Sobe.

ANGELO, *surprehendido, e depois apaixonado*

É possivel! Bertha, ouviste?
Eu não te quero ver triste...
Bem sabes que tu resumes
para mim... tudo o que existe...
Eu nunca t'o disse, cuido.
Um doce fluido subtil
do teu espirito gentil,
cousa do céu...

BERTHA, *áparte, extasiada*

Doce fluido...

ANGELO

Divina manhã d'abril...
me fez na vida uma estrada
de flores.

BERTHA, *extasiada*

Fluido subtil!...
Amar... amar... ser amada...

ANGELO

Oh! divina madrugada!

BERTHA, *sempre enlevada*

Divina manhã d'abril!

CARLOS, *atrás d'elles*

Miau... miau...

BERTHA, *a* CARLOS

Cala-te.

ANGELO, *zangado, a* CARLOS

Creança!...

CARLOS, *a* ANGELO, *apontando* BERTHA

Foram-se as furias emfim?

ANGELO

Foram, Bertha?

BERTHA, *a* CARLOS

Oh! sim descansa.

CARLOS

E a Paulina sempre dança?

BERTHA

Pois que dance... Agora, sim.

CARLOS

Então, vamos.

Sobe, vae dançar.

BERTHA

Olha a lua...
Não vês?... Parece um gomil
de prata antiga!...

ANGELO

A luz sua
vem afogar-se na tua,
divina manhã d'abril.

Sobem. Entram Conde com Marietta pelo braço. Depois Jorge com Thereza. Lucilla corre radiante cheia de alegria, indo ao seu encontro Angelo e Bertha pedir-lhe a explicação d'aquillo, ao que ella responde com gesto, como dizendo: ouçam, ouçam.

CONDE, *a* MONSENHOR, *muito solemne*

Reverendo senhor!... Dão parte...

BERTHA, *a* LUCILLA

O que é Lucilla?

CONDE, *continuando*

Do enlace de seus muito illustres, muito amados
filhos Jorge e Thereza *et caetera*—Assignados
Condessa de Sever e Conde de Alta Villa.

BERTHA, *indo abraçar o* CONDE

Ó meu querido pae!...

ANGELO, *abraça o irmão*

Jorge... Jorge!...

BERTHA, *a* MARIETTA

Condessa!

MARIETTA

Filha!..

Beija-a.

Condessa, não.

BERTHA

Mãe Marietta; sim, sim.

Tambem acho melhor, já cá está dentro...

Pondo a mão no peito.

assim.

Jorge!

Abraça-o.

Querida irmã!

Beija Thereza.

ANGELO

Inda que mal pareça

Ao Conde.

Com licença.

Beija o Conde.

Que bom!

CONDE, *rindo*

Vem cá, vem cá, maroto

Se é bom, tambem eu quero...

Beija-o muito.

ANGELO, *indo abraçar a mãe*

Ah! falta a mãe Marietta!

CONDE, *a* MONSENHOR

Ó padre cura? E então? Ficaste assim pateta!..

Abraçando Jorge e Thereza que se curvam e lhe beijam a mão.

Filhos ide ao prior... Tem cousa ali no gôto...
Pedi-lhe a benção...

THEREZA, *indo com* JORGE *a* MONSENHOR

Tio!..

Abraça-o com enthusiasmo.

MONSENHOR

A benção?

Beija-os.

Tomem... Tomem...

BERTHA, *puxando* ANGELO

Angelo, vem depressa...

Curvam-se ao Conde.

Agora nós, papá...

CONDE

Vocês agora, o que?

BERTHA

Sim, eu mais o meu homem.

CONDE, *rindo*

Hein?! Querem vocês ver que os corro d'aqui já...
a beijos!.. tu, meu genro!.. agora inda mais essa!..
Á Condessa so.
Deus me traga esse dia...

MARIETTA, *sorrindo feliz*

Amen!

BERTHA

Pae desalmado!

ANGELO

Sogro cruel!

CONDE, *tocando na orelha de* ANGELO

Brejeiro! A dança... Vão depressa.

BERTHA, *a* MARIETTA *e* ANGELO

Faz-me um transtorno agora... o não tomar estado!..

CONDE, *a* JORGE *e* THEREZA

Vão, vão ás salas, Jorge, e vá tambem, Condessa.

Conversa um instante com ella. Angelo e Bertha sobem a Carlos. Sae Marietta.

SCENA FINAL

Ao som do piano começam dançando na sala. Raparigas e rapazes do campo dirigidos por Carlos, vem dançando ou preparam a dança — O vira — *acompanhados por descante em desafio entre um rapaz e uma ou mais raparigas. Na dança tomam parte successivamente pouco depois d'ella começar, Carlos, depois Bertha, e a final Angelo.*

THEREZA, *subindo com* JORGE *para a sala*

Não me diz nada! Supponho
que me occulta algum pezar...

JORGE

A primeira vez que eu sonho...
tenho medo de acordar!

CONDE, *vendo o* MONSENHOR *que se assenta*

Que me dizes prior? Tu estás com teu prurido
de me bater! Estás; o instincto sanguinario
reluz-te n'esse olhar com que tu tens, bandido,
espancado o latim do santo breviario.
Tinha de ser, bem vês. Foi obra do destino
que póde muito mais do que um capricho teu...
Pódes não assignar...

MONSENHOR

Esta escriptura?.. Assigno.
Assigno, sim, senhor. E hei de casal-os eu.
Fica a rir silenciosamente.

CONDE

Estiveste a mentir?! E sabe!.. Um padre cura!

MONSENHOR

Para cercar a ovelha, ás vezes, de um silvado
que ha de o pastor fazer?

CONDE

Fizeste de mim gado
e foste-me enxotar!..

MONSENHOR

Sim, fui, para a ventura!..

Sobem.

BERTHA, *correndo ao encontro dos dois*

Vou cantar ao desafio
ali com as raparigas.
Vê lá papá, veja tio
se estão certas as cantigas.

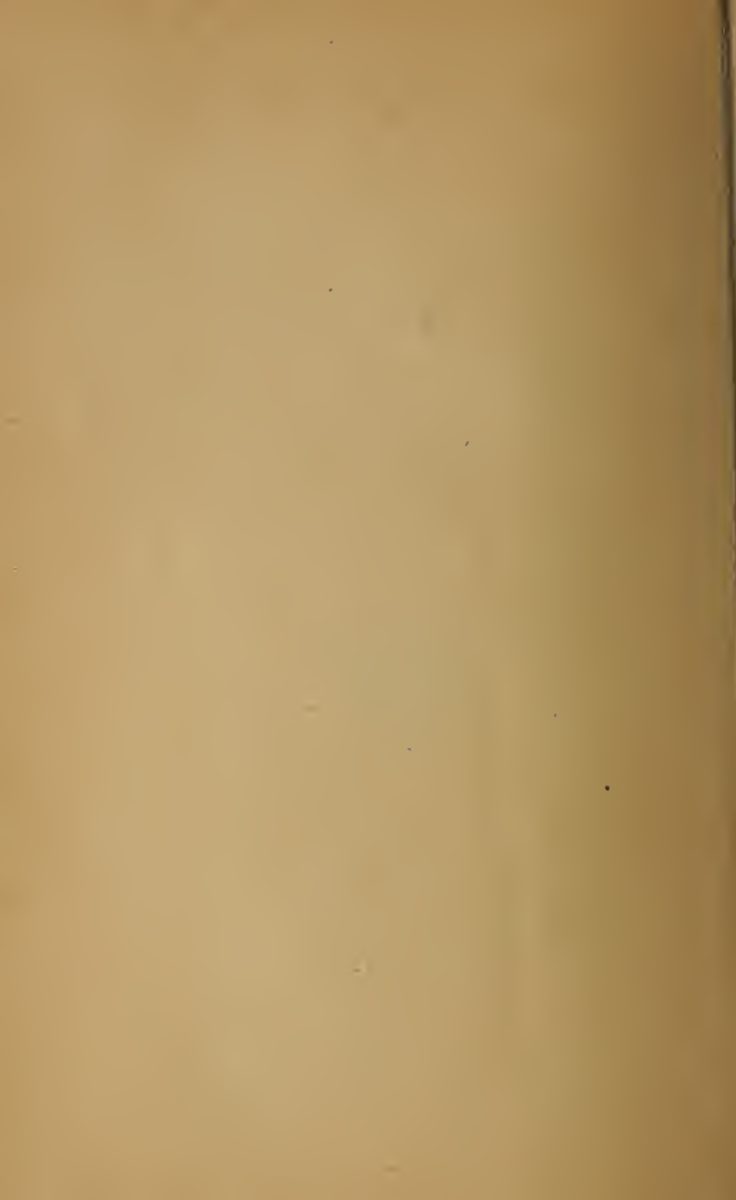
«No quieto lago ennevoado
«da minha noite infantil
«entra o bergantim dourado
«da estrella d'alva d'abril.

«Dos hombros de sua alteza
«pende ao longo da amurada
«o seu manto azul turqueza,
«o manto da madrugada!

CONDE

Bravo! bravo!

MONSENHOR

Deus te guarde
essa estrella tua irmã,
que é para nós a da tarde,
para ti a da manhã!

ACABOU DE SE IMPRIMIR

em 30 de Abril de mil oitocentos noventa e quatro

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL

Á CUSTA DE

M. GOMES, Livreiro-Editor

NA

Rua Garrett (Chiado) 70-72

LISBOA